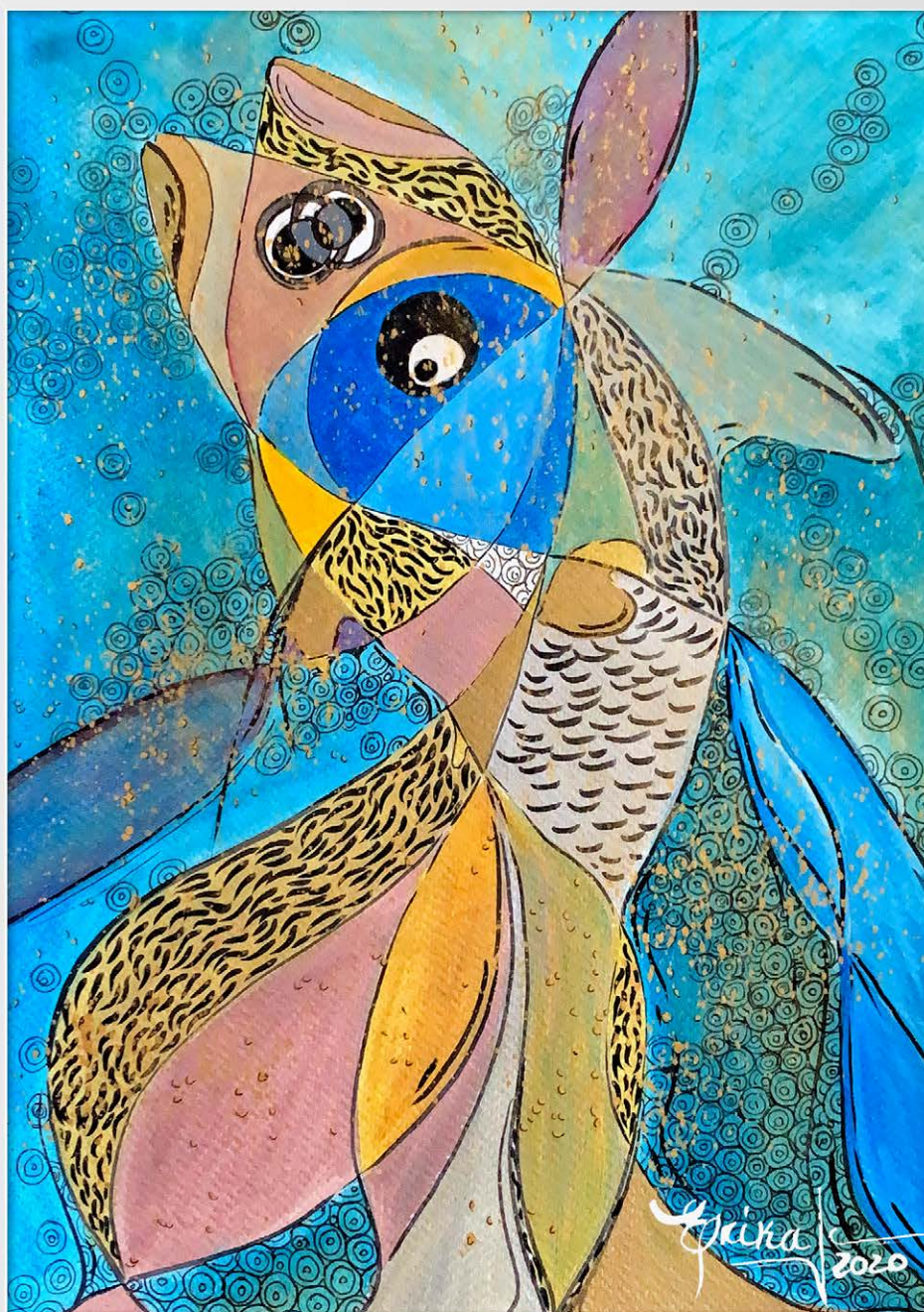


DESCENDÊNCIAS

MAGAZINE





AILD INTERNACIONAL

FAZER DO MUNDO O SEU PALCO

ESTÁ A CHEGAR UMA NOVA REDE

p/ 06 e 07.

Ensino superior. Um contingente especial
AILD. A União faz a força

p/ 12.

Grande Entrevista
Ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva

p/ 28.

Conselho das Comunidades Portuguesas
Porque fortalecer o CCP é fortalecer as comunidades no estrangeiro?

N E S T A E D I Ç ã O

p/ 30.

Artes e Artistas Lusos. Paulo da Costa
Por Terry Costa

p/ 40.

Literatura. Fernando Namora - Parte I
Por Vanessa Martins, Casa Museu Fernando Namora

p/ 52.

Com Lupa: Lá fora
Florença. O Coração do Renascentismo. Por João Costa

Obra de capa

Título: Anazanga, os filhos da ilha
Um conto de Luanda sobre a sorte de 3 peixes siameses.

Dimensões: 35 x 27

Técnica: Acrílico caneta s/papel

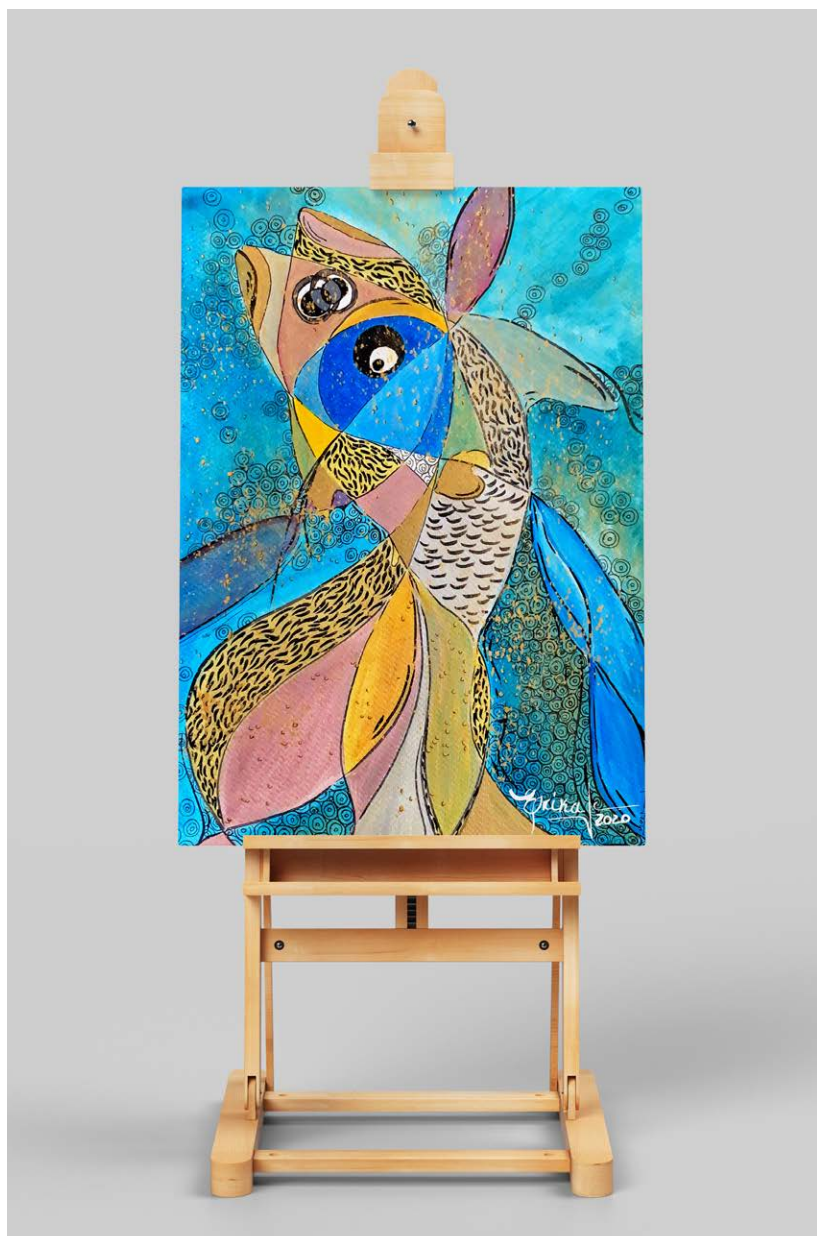
Descrição da obra:

(...) O velho Ngabaxi, seu nome de Baptismo Sebastião Miguel da Assumpção, revirou-se no seu leito enquanto sonhava e continuava a ver três peixes muito lindos. Vários tons de amarelos sobre o mar azul? Três peixes? Sim três peixes siameses. Assustado devolveu-os ao mar. Jurou nunca contar esse absurdo da natureza a ninguém. “Acho que foi um pesadelo”. – Porquê tanto amarelo, pai? Indagou Muxima. O velho Ngabaxi respondeu logo, sem vacilar: “Se naufragarmos, mais depressa se avistará a nossa canoa sobre o azul profundo do oceano. E não seremos confundidos por peixes siameses. Ou seja: o amarelo é o melhor contraste do azul”.

Muxima sorriu. Em seguida pôs-se a pensar nas palavras avisadas do seu progenitor. “O meu velho é um sábio”. – Comentou baixinho para os seus botões.

Erika Jâmece

obrasdecapa@descendencias.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Alfredo Stoffel, Branca Célia Dias, Cristina Passas, Diana Correia, Flávio Alves Martins, João Costa, Georgina Leal, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, José Martinho, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Pedro Guerreiro, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sonia Coelho, Tiago Sabarigo, Tiago Robalo, Vitor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é res-

ponsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º n.º 2, i) e j), artigo 75º n.º 2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 11 novembro 2021, GRATUITA

Editorial

Caros Leitores

Esta altura do ano, com a proximidade do Natal e das últimas semanas do ano, sinto sempre as pessoas à minha volta, particularmente introspectivas. Umas mais, outra menos, é certo, mas acredito que o contexto do mês de novembro nos convida a este tipo de reflexões. Olhamos para a herança que mais um ano a lutar contra a pandemia de Covid-19 nos deixou, num lento, mas certo, regressar à normalidade.

Contemplámos mais a fundo a nossa essência e o que nos define enquanto seres humanos. E, efetivamente, faz parte do que nos define o legado dos nossos ascendentes, da cultura e do ambiente no qual fomos criados, dos princípios que nos foram transmitidos e das coisas e pessoas que aprendemos a admirar e respeitar.

Em suma, somos todos descendentes de uma mesma cultura, de uma mesma língua que ao longo dos séculos foi ganhando as suas ramificações e sofrendo as suas alterações, diversificando-se e tornando-se mais rica e facilitadora para as mais variadas interações. É esta riqueza e esta diversidade que temos almejado dar a conhecer com a nossa revista! Investigadores, escritores, artistas plásticos, professores, historiadores, juristas, economistas, cientistas, jornalistas e todos aqueles que possam contribuir para a nossa identidade cultural, terão sempre um espaço na Descendências.

Nascida a partir de uma confluência de estados de alma – um misto de nostalgia do que fomos no passado, da nossa história, do que nos trouxe até aqui e do sonho de até onde queremos chegar

juntos, celebrando e divulgando a nossa língua, a nossa cultura, a Descendências tem trabalhado ao longo deste ano no sentido de celebrar e dar a conhecer as nossas conquistas e reconhecimentos, partilhando as nossas histórias, promovendo o crescimento conjunto enquanto comunidade lusófona. Não deixámos nada ao acaso! A qualidade e formato dos artigos, o cuidado estético na apresentação da revista, o formato digital altamente inovador e que pretende abarcar todas as faixas etárias, a presença nas diversas redes sociais, a diversidade de temas e artigos, as obras de arte que compõe as nossas capas. Há quem diga que já ninguém lê revistas (mesmo online) mas tenho para mim que isso se deve a uma qualidade que deixa muito a desejar, no caso da grande maioria das revistas e da forma densa como são apresentadas nos meios digitais. Ao longo deste ano, tão próximo de terminar, a Descendências tem se revelado como uma revista que cativa mais e mais leitores a cada edição lança, prendendo e surpreendendo cada leitor de cada vez que nos lê.

É um pouco de todos nós e da nossa essência em cada página volvida! Neste mês de Novembro, sempre na sombra da antecipação do mês que se avizinha, recordamos alguma efemérides que, para quem pensa globalmente são boas recordar, das quais destacamos: Dia Internacional pelo Fim da Impunidade dos Crimes contra Jornalistas (dia 2); Dia Mundial do Órfão (dia 8); Dia Mundial da Bondade (dia 13); Dia Nacional da Língua Gestual Portuguesa (dia 15); Dia Nacional do Mar (dia 16).



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

| A I L D

Ensino Superior

Um contingente especial

O ensino superior português, todos os anos letivos abre as suas portas a novos candidatos e alunos, para os mais variados cursos de licenciatura, mestrados, pós-graduações e doutoramentos, apostando numa população cada vez mais qualificada e com elevados níveis de literacia.

Para os candidatos emigrantes portugueses, familiares que com eles residam e lusodescendentes foi criado um contingente especial com 7% das vagas fixadas para a 1.ª fase do concurso nacional.

Podem concorrer às vagas deste contingente especial, no âmbito da 1.ª fase do Concurso Nacional, os estudantes que, cumulativamente, satisfaçam algumas condições específicas de acesso.

Este contingente especial de 7% representa cerca de



3500 vagas exclusivamente para estes candidatos em todo o sistema de ensino superior público português, que abrange 107 instituições e mais de 5000 cursos, em todas as universidades e institutos politécnicos.

Trata-se de uma iniciativa do Governo, com o envolvimento da Direção-Geral do Ensino Superior, do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e das Instituições Portuguesas de Ensino superior, no âmbito do Programa “Estudar e Investigar em Portugal”.

O número de estudantes emigrantes e lusodescendentes colocados este ano na primeira vaga de colocações no ensino superior em Portugal, cresceu 6% relativamente ao ano anterior, ou seja, passando de 396 para 419, e um aumento de 151% face a 2015.

A AILD – Associação Internacional dos Lusodescendentes, à semelhança do ano passado tem procurado dar o seu contributo para divulgar, informar e sensibilizar estudantes emigrantes e lusodescendentes a virem estudar para Portugal. Inclusivamente, lançamos o desafio, através dos nossos diversos meios de comunicação, a analisarem os 10 motivos e vantagens que criamos para que possam tomar a decisão acertada de vir estudar para Portugal.

A AILD tem realizado um esforço extraordinário, para se aproximar de cada uma das comunidades portuguesas existentes fora de Portugal, com a abertura de delegações, constituídas por membros locais da comunidade portuguesa.

Em setembro, surgiu a Delegação de França em outubro a Delegação do Reino Unido e outras delegações serão abertas noutros países e continentes. Este esforço só é possível com o apoio da comunidade portuguesa local, que compreende e adere aos ideais da AILD. As ideias essenciais foram

muito bem resumidas pelo Cônsul-Geral da Portugal em França, na cerimónia de apresentação da nova Delegação da AILD - França.

Esta nossa presença vai facilitar a realização de eventos, que serão sempre que possível desenvolvidos com outras associações portuguesas presentes nesses países.

A AILD está, neste momento, em contacto com várias associações portuguesas em França para a realização de dois eventos, mas outros se seguirão, havendo já associações interessadas em for-

| A I L D

A União faz a força

talecer os laços com a AILD para benefício da comunidade portuguesa.

Queremos contribuir para promover, incrementar e fortalecer os laços entre os portugueses que vivem por todo o território francês, mas também com Portugal e outras comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo.

Esta cooperação entre associações vai dar mais visibilidade ao esforço notável que desenvolvem, e será certamente um bom exemplo e estímulo, para que outras, presentes em outros países, se superem.

Com a cooperação entre todos, será possível realizar mais eventos nacionais e internacionais, favorecendo o mútuo conhecimento, partilha de experiências, boas e más, contribuindo para uma maior visibilidade das várias comunidades portuguesas.

Aproveito para desafiar os lusodescendentes e outros membros das comunidades portuguesas, a se juntarem a nós e às nossas delegações, para nos ajudarem a concretizar este projeto ambicioso e inovador.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

A I L D

José Carlos Governo

Idade: 46 anos

País de nascimento:

França

País/Cidade onde
reside:

Viseu / Portugal



O que faz profissionalmente?

Sou professor de matemática e ciências, mas exerci a profissão apenas três anos letivos, pois, profissionalmente, tenho dedicado a minha vida à atividade política, algo que me fascina desde muito cedo. Estive alguns anos no gabinete de apoio à presidência da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, depois estive no governo a exercer funções no Ministério dos Negócios Estrangeiros - Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, com uma breve passagem também pela Secretaria de Estado da Ad-

ministração Local. Em 2017 fui candidato à presidência da Câmara Municipal de Moimenta da Beira, não sendo eleito. Este resultado eleitoral e todo o processo envolvente fez-me repensar e refletir sobre muita coisa, com alguma decepção à mistura com a política, os partidos e com algumas pessoas. Decidi por isso afastar-me temporariamente e investir em mim, fiz uma pós-graduação em gestão de empresas, que associado a todo o conhecimento e experiência adquirida ao longo de anos no contacto com tantas empresas e empresários em Portugal e em vários países do mundo, comecei a exercer atividade de consultor de pro-



jetos, sobretudo, na área dos fundos comunitários. Em abril de 2020, fui convidado para exercer funções de diretor-geral da Santa Casa da Misericórdia de Sernancelhe, uma instituição com as valências e respostas sociais de Lar, Unidade de Cuidados Continuados, Creche/Jardim e Apoio Domiciliário.

Qual a sua ligação à lusofonia?

A este nível considero-me um privilegiado, pois, além de ter nascido em França e portanto, ser um lusodescendente, tive a sorte de exercer funções na Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, o que me permitiu estabelecer contacto e relações com as diversas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, conhecendo gente extraordinária e com um espírito patriótico incrível. Tive o prazer e a oportunidade de ir ao encontro destas comunidades portuguesas, em diversos países do mundo, onde pude manter contacto e desenvolver ações com luso-eleitos, dirigentes associativos, empresários, académicos, artistas, mas também, cidadãos comuns que todos os dias lutam para terem um futuro melhor para as suas famílias. Passei a ser um apaixonado pelas comunidades portuguesas, manten-

do contactos permanentes, seja a título particular e privado, seja através da Federação das Associações da Diáspora, com quem colaboro, seja através da Associação Internacional dos lusodescendentes, da qual integro os seus órgãos sociais. A AILD tem sido sem dúvida uma estrutura com uma enorme dinâmica, que tem permitido uma ligação muito forte e estreita à lusofonia, à promoção da língua e cultura portuguesa no mundo.

Há quem se refira às Comunidades de Portugueses que vivem lá fora como a “Diáspora Portuguesa”. Concorde com o uso deste termo?

Sinceramente, não concordo com o termo, e em boa hora a AILD promoveu um colóquio para refletir sobre este termo. Creio que é redutor identificar os portugueses que residem fora de Portugal como “Diáspora”, rotulando uma franja da população portuguesa que são tão portugueses quanto os que residem em Portugal. Atualmente, esta realidade ganha ainda mais força quando vivemos num tempo da mobilidade, com muita gente a emigrar não por necessidade, mas por projeto de vida, enquanto cidadãos do mundo. Comunidades portuguesas sim, diáspora, não.



Desafios e projetos para 2021?

Um dos grandes desafios é assumir com determinação as funções de Diretor geral da Santa Casa da Misericórdia de Sernancelhe, contribuindo para ajudar a ultrapassar as enormes dificuldades e constrangimentos existentes, procurando que seja uma instituição de referência, com saúde financeira, mas sobretudo, que preste serviços de qualidade. Um dos outros desafios para este ano e seguinte é o acompanhamento cada vez mais perto dos fundos comunitários, no sentido de continuar a poder realizar trabalho de consultoria de apoio às empresas, pois, tenho vindo a dar um importante contributo para apoiar empresas a investir, a agarrar novos desafios, a aumentar o lucro, a eficácia e

eficiência e consequentemente a criar emprego, postos de trabalho. Este ano de 2021, na continuidade do ano anterior, continuo muito focado no grande projeto e desafio, a AILD, uma associação que tem vindo a criar uma dinâmica impressionante, com uma equipa de trabalho fantástica, onde temos conseguido desenvolver inúmeros projetos, estabelecendo pontes e uma rede de contactos junto das nossas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Sem dúvida um projeto associativo diferenciador. E finalmente, outro desafio, talvez o mais importante, é poder estar mais próximo da família, poder dar um maior apoio e acompanhamento à minha filhota, estar mais presente, pois, a família é sem dúvida o nosso pilar e o nosso equilíbrio emocional.



O que mais gosta em Portugal?

Essa é uma pergunta difícil, pois, gosto de tanta coisa, desde o clima, à sua riqueza enogastronomia, à enorme oferta e diferenciada que o país tem, com várias atrações e especificidades, à segurança que o país oferece.

O que menos gosta?

O excesso de burocracia que ainda continua a imperar, e a elevada carga fiscal, ambos castradores do investimento e de uma vida mais facilitada às pessoas.

Porque se tornou associado da AILD?

AILD foi um bonito e desafiador projeto que nasceu na reunião e encontro de várias ideias, várias pessoas, vários desafios, vários projetos, percebendo-se que existia um espaço e um vazio que precisava ser preenchido em prol dos lusodescendentes. E portanto, não podia ficar indiferente a este grande projecto, não apenas sócio e membro fundador, mas como membro ativo dos seus órgãos sociais.

Quais os projetos que pretende desenvolver na AILD?

A AILD é um projeto associativo ambicioso e de grande dimensão, que tem vindo a crescer dia após dia, cada vez com mais desafios, mais vitórias, mais ideias e mais gente. Este ano a AILD está a desenvolver o seu projecto de excelência,

que é a criação de Delegações da AILD em diferentes países, tendo iniciado com a França, por forma a criarmos pontes com o mundo lusófono e com o mundo em geral. Ao longo deste ano desenvolvemos por exemplo uma parceria com o Turismo do Porto e Norte de Portugal e a Associação das Termas de Portugal, precisamente para ajudarmos e colaborarmos na divulgação e promoção das Termas junto das Comunidades Portuguesas.

Uma mensagem para as Comunidades Portuguesas.

A mensagem que quero deixar às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo é de esperança e ao mesmo tempo de agradecimento. A esperança de que a pandemia irá terminar em breve, e permitir que voltemos à normalidade, num eventual, novo normal, com mais prudência, mas que permita estarmos de novo próximos, podermos ter-vos cá em Portugal sem reservas, pois, Portugal precisa de vós. Tenho esperança que Portugal entenda cada vez mais o valioso ativo que são as nossas comunidades portuguesas e possa desenvolver ações e políticas nesse sentido, cimentando laços, criando pontes, e ao mesmo tempo, atraindo cada vez mais a regressarem a Portugal, investindo, criando novas dinâmicas, ajudando a construir um país cada vez mais sustentável, atrativo e moderno. E um agradecimento por tudo o que têm dado a Portugal, não só pelo seu contributo através das remessas, mas através do investimento, da promoção de Portugal no mundo, da sua língua e cultura, dos seus produtos de excelência, mas também, da imagem de excelência que espalham pelos quatro cantos do mundo.



GRANDE
ENTREVISTA

MINISTRO DOS NEGÓCIOS

AUGUSTO SANTOS SILVA

ESTRANGEIROS

ESTRANGEIROS

AUGUSTO SANTOS SILVA

Augusto Santos Silva nasceu no Porto, em 1956. É casado, pai de três filhos e avô de (por enquanto) três netos. A sua formação política fez-se, nos princípios dos anos 70, no contexto das lutas estudantis contra a ditadura.

Frequentava, então, o ensino secundário. Foi depois dirigente da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto, onde se licenciou em História. Participou em diferentes movimentos de natureza cívica e política, tendo aderido ao Partido Socialista em 1990. Desempenhou várias funções políticas, incluindo como deputado à Assembleia

da República (2002-2005 e 2011) e membro de Governos de António Guterres, José Sócrates e António Costa (1999-2002, 2005-2011 e desde 2015). No plano profissional, doutorou-se em Sociologia pelo ISCTE –IUL e fez a agregação em Ciências Sociais na Universidade do Porto, de cuja Faculdade de Economia é professor catedrático. Ocupou diversos cargos de gestão universitária, entre os quais o de presidente do Conselho Científico da sua Faculdade e o de pró-reitor da sua Universidade. É autor de vários livros no domínio da epistemologia das ciências sociais, da sociologia da cultura e do desenvolvimento, e do pensamento político.



Quais foram os grandes desafios que enfrentou e as grandes bandeiras que ergueu enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros ao longo destes dois mandatos?

Os grandes desafios, diria que foram três, entendendo desafios como problemas. O primeiro foi o facto de, quando tomámos posse, Portugal se encontrar ainda no procedimento por défice excessivo, e, portanto, a nossa consolidação orçamental estava por fazer.

O segundo grande problema que enfrentei ao longo deste mandato, e que, de resto, ainda enfrento, é o do agravamento da situação económica, social, política e humanitária na Venezuela. Essa tem vindo a ser a minha preocupação principal, no decurso de 2017, 2018 e 2019, período durante o qual se agravaram as condições políticas e institucionais nesse país. Nós temos uma comunidade portuguesa e luso-

venezuelana muito grande, que estimamos em cerca de 200 a 300 mil pessoas. Evidentemente, ela tem sofrido muito com o agravamento das condições de vida na Venezuela e isso é uma preocupação constante para nós.

O terceiro grande problema que enfrentei e enfrento, desde de junho de 2016, é o Brexit. Nós também temos 309 mil cidadãos portugueses com números de segurança social britânicos, isto é, trabalhando no Reino Unido. Os seus direitos e o seu estatuto, depois de saída do Reino Unido da UE, são uma fonte de preocupação. Era suposto estar resolvido, mas, como sabem, o processo Brexit é um processo inacabado.

Do ponto de vista das bandeiras, a bandeira número um foi tornar a política das comunidades um eixo transversal a todo o mundo do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Ainda me recordo a surpresa que causei na primeira vez



que fui à Comissão Parlamentar dos Negócios Estrangeiros com a circunstância de ter sido eu a responder à primeira ronda de perguntas sobre postos e funcionários consulares. Não era habitual que o ministro respondesse, ele próprio, pelos consulados. A segunda grande bandeira foi termos uma participação mais ativa, e penso que conseguimos. Basta pensar no facto de o presidente do Eurogrupo ser [à data da entrevista] o Ministro das Finanças de Portugal; no protagonismo que o ministro assumiu aquando das decisões sobre os cargos de topo da EU; basta ver a forma como Portugal é apontado como exemplo de país que não tem nenhuma hesitação quanto às questões de reforma de união económica e monetária; da política das imigrações; do acolhimento dos refugiados e do combate às alterações climáticas, entre outras.

Diria que a terceira grande bandeira foi a de reforçar a dimensão da cidadania da CPLP. A CPLP tem provado como uma organização intergovernamental, isto é, como um espaço de cooperação entre diferentes estados, pode funcionar bem. Por exemplo, toda a CPLP nos apoia nas grandes candidaturas internacionais, mas faltava uma dimensão de cidadania. Faltava transformar a CPLP num espaço vantajoso. As vantagens têm de ser facilmente identificáveis. Julgamos que o novo regime de mobilidade próprio da CPLP fará esta mudança.

A quarta grande bandeira, no sentido de escolher apenas quatro, foi a de conseguir trazer as vantagens associadas a Portugal para o palco internacional. A imagem positiva de Portugal que prevalecia na cena internacional traduzia-se em factos. O principal desses factos foi nós termos conseguido que a nossa candidatura a secretário geral das Nações Unidas, cargo mais importante da cena internacional, tenha sido bem-sucedida. Mérito do candidato, evidentemente: António Guterres. Também uma vitória da nossa diplomacia.

As Comunidades Portuguesas são tuteladas e apoiadas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, através da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. Considera que tem sido dada a importância e atenção devida a estes nossos concidadãos, em sede de rede consular, rede de ensino da língua portuguesa, promoção da cultura, entre outros?

A minha resposta é muito simples: tem sido dada muita atenção. Se isso é suficiente? Não. Nunca é suficiente. As

nossas comunidades merecem sempre melhor. O movimento associativo é muito variado e tem vindo a diversificar-se em sede de atividades eruditas e até de cariz político. São cada vez mais as redes de profissionais, de estudantes e de académicos diplomados no Reino Unido, nos Estados Unidos, em França e na Alemanha (nestes dois últimos, já há vários anos). Estão em formação noutros países como a Suíça ou a Austrália. Isso é uma inovação.

Outra inovação que se nota muito bem, por exemplo, na cena norte-americana, são as associações que já se constituem como lobbies, e outras associações cívicas que já têm como missão não apenas preservar as tradições, não apenas cultivar o folclore da sua terra de origem na sua terra de residência, não apenas celebrarem, continuar as vinculações, por exemplo, aos clubes de futebol e outros, mas também a missão mais específica de aumentarem a influência social, a representação institucional da política e da comunidade, neste caso nos EUA.

A participação cívica e política dos portugueses residentes no estrangeiro é um processo que tem vindo a evoluir, assistindo-se hoje por exemplo a uma rede de eleitos bastante significativa, de políticos de origem portuguesa, mas também académicos, artistas, empresários. Considera que Portugal tem valorizado convenientemente esta realidade, reconhecendo a sua importância para a afirmação de Portugal no Mundo? Que políticas e iniciativas têm sido desenvolvidas nesta matéria?

Considero que Portugal tem valorizado, e que pode e deve valorizar mais. Entre as iniciativas mais relevantes destaco as organizadas pelas próprias redes e associações de luso eleitos, por exemplo em França e nos EUA. Também é de destacar o exemplo de uma ação bem-sucedida, aquela empreendida regularmente pela Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento.

A pandemia trouxe uma nova realidade a esse movimento associativo, nomeadamente, muitas dificuldades e constrangimentos financeiros. O que tem sido possível fazer para apoiar esta realidade?

Recordo que lançámos em 2020/2021 dois programas específicos de apoio: um para os órgãos de comunicação social de Língua Portuguesa no estrangeiro, e outro para as as-





sociações e instituições que desempenham funções sociais junto da nossa diáspora. Por outro lado, o programa específico de apoio ao associativismo teve em conta as condições específicas da pandemia na avaliação do cumprimento de objetivos e planos de ação contratualizados por parte das associações financiadas.

Assumi a pasta dos Negócios Estrangeiros em 2015, depois da vigência de um Governo de coligação PPD/PSD e CDS/PP, num momento em que Portugal saía de uma grande crise económico-financeira que obrigou à intervenção da troika. Recuando cerca de 6 anos, como avalia hoje, a herança que recebeu e o rumo que imprimiu na sua governação, concretamente, na pasta dos negócios estrangeiros?

A política externa em Portugal, felizmente, é uma de uma grande continuidade. Estamos praticamente todos de acordo com as grandes prioridades da política externa portuguesa, que basicamente são a União Europeia, o elo transatlântico e, designadamente, a NATO, a CPLP e a relação muito mais próxima que temos com os todos os

países de língua portuguesa e as nossas comunidades no estrangeiro. A essas prioridades procurei acrescentar outras duas, que me parece muito importante destacar. Uma é o nosso empenhamento no multilateralismo, em particular dentro do sistema das Nações Unidas. E o outro é a internacionalização da nossa língua, cultura e economia. Por isso é que existe um grande consenso sobre as grandes prioridades. Devo dizer que evitei sempre, ao longo destes quatro anos, queixar-me da herança ou fazer uma avaliação negativa sobre os meus antecessores, e vou terminar o meu mandato nessa atitude. Defendo que estamos em 2021 e que o balanço que havia a fazer foi já feito em devido tempo. Não vamos repisar assuntos entretanto esclarecidos. Quanto ao rumo, permito-me remeter para os meus livros “Argumentos Necessários” e “Evoluir”, que descrevem sistematicamente as grandes prioridades de política externa dos meus mandatos: construção europeia, ligação transatlântica, CPLP, relação com as comunidades portuguesas, internacionalização da economia, da língua e da cultura, e compromisso com o multilateralismo.



O Ministério dos Negócios Estrangeiros é o departamento governamental responsável pela formulação, coordenação e execução da política externa. Considera que num mundo cada vez mais global e globalizado, e com uma enorme dependência da Europa, a pasta dos Negócios Estrangeiros assume hoje um papel reforçado na sua importância diplomática?

Sim. A pasta dos negócios estrangeiros sempre foi uma pasta muito importante, visto que é tipicamente um ministério da soberania e de uma política do estado. Essa importância tem crescido por quatro razões: a primeira razão prende-se com a influência global do nosso país, seja através da projeção da nossa língua, seja através do reconhecimento do nosso contributo para as grandes organizações internacionais, seja até através do protagonismo que portugueses como António Guterres ou António Vitorino têm hoje nas grandes organizações internacionais, e nessa medida a influência global do nosso país tem crescido. A segunda razão é que tem aumentado muito a

importância das comunidades portuguesas: hoje temos registo de portugueses vivendo em cento e setenta e oito países do mundo.

A terceira razão é que, com a globalização, as questões internacionais também são cada vez mais questões internas: o que se passa hoje no mar do sul da China ou no Golfo atinge diretamente os nossos interesses. Como sabem, hoje em dia, debatemo-nos com um problema de segurança delicado no estreito de Ormus. Ora, 18% do petróleo que Portugal importa vem através desse estreito, portanto é uma questão que nos toca diretamente.

Finalmente, a quarta razão é que tendo o Ministério dos Negócios Estrangeiros a tutela da política europeia, a nossa pertença à UE e o progresso da intervenção da UE fazem com que cada vez mais seja difícil separar o que é política externa e política interna, na dimensão da União Europeia.

No estrangeiro prefere falar na língua do país visitante ou falar em português e solicitar um tradutor, ainda que saiba a língua?



Falar português, designadamente para aqueles que têm uma relação próxima com o hemisfério sul, é uma grande vantagem, visto que a Língua Portuguesa é a língua mais falada no hemisfério sul. Tão importante quanto é, para mim, saber falar e ler espanhol. Isso permite-me ter um à vontade num grande universo Latino-Americano, que não teria se o espanhol me fosse uma língua completamente estranha. Sempre que vou ao estrangeiro e tenho um encontro com a comunidade portuguesa residente nesse país, falo, naturalmente, português. Muitas vezes, depois, em contexto de interação social, para me fazer entender bem, falo outras línguas: inglês, caso vá ao EUA; ou francês, em França. Dependendo muito dos interlocutores, habitualmente nós falamos inglês nas reuniões informais quando estou em países francófonos; quando estou em países de língua espanhola, ouço em espanhol e falo aquela língua muito curiosa a que chamamos portunhol. Quando se trata de reuniões formais, falo português, como acontece nas

reuniões formais da União Europeia. O português é uma das 21 línguas oficiais da União Europeia.

O número de estudantes emigrantes e lusodescendentes colocados este ano na primeira vaga de colocações no ensino superior em Portugal cresceu 6%, relativamente ao ano anterior, ou seja, passando de 396 para 419, e um aumento de 151% face a 2015. Como avalia este crescimento?

Felizmente, essa medida vai sendo cada vez mais conhecida das nossas comunidades e consequentemente mais utilizada. A formação de estudantes oriundos das comunidades em Portugal é, além do mais, outro fator de estreitamento da relação entre Portugal e a sua diáspora.

Que consequências positivas pode este fenómeno trazer para Portugal no imediato e a médio prazo?



Uma das principais riquezas de um país é o seu capital humano. O aumento da qualificação média das novas gerações sinaliza o desenvolvimento da sociedade portuguesa. Isto, que é válido em território nacional, é ainda mais válido na diáspora, quando os jovens qualificados representam um recurso essencial, quer para a integração na sociedade de acolhimento, quer para os projetos de regresso a Portugal ou de mobilidade circular.

As exportações são um indicador relevante da balança comercial na sobrevivência e no crescimento das empresas e no crescimento económico do país. Nos últimos 6 anos como têm evoluído as exportações? Que políticas ativas têm sido implementadas junto das empresas para estimular a exportação?

As exportações tiveram um crescimento muito significativo até 2019, e foram, naturalmente, muito afetadas pela

crise pandémica. Mas, em 2021, têm tido uma recuperação forte, que no caso específico dos bens até significou um aumento face a 2019.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros integra e tutela, hoje, a AICEP, Agência para o Investimento e Comércio de Portugal. A AICEP já esteve sob tutela do Ministro dos Negócios Estrangeiros entre 2011 e 2013. Quando esse ministro passou à posição de vice-primeiro ministro, a AICEP acompanhou-o, digamos assim. Portanto, já houve a experiência de um Ministro dos Negócios Estrangeiros ter também a tutela da AICEP. Foi uma experiência positiva porque valorizou muito, no ministério, a chamada diplomacia económica. Este governo fez mais: como as instituições são mais importantes do que as pessoas, colocou a AICEP sob a tutela do Ministério dos Negócios dos Estrangeiros, não dirigida ao ministro, mas ao ministério na sua totalidade. Julgo que essa mudança veio para ficar. Se correu bem, deve ficar. Nós até temos um Secretário de Estado da Internacionalização,



pela primeira vez no ministério, exatamente porque é a pessoa que tem diretamente a seu cargo as questões ligadas ao investimento direto estrangeiro em Portugal, ao investimento português no estrangeiro e ao comércio externo e, portanto, o comércio externo e o investimento passaram a ser uma preocupação prioritária e também uma preocupação do ministro. Aliás, ainda há pouco podia ter acrescentado esta bandeira da internacionalização da economia. Como resultados, a melhor maneira de os ver é pensar no seguinte: comparar dois números. Há 10 anos o peso das exportações na riqueza nacional era inferior a 30%. Hoje valem 44%. Em 10 anos, cresceram mais 15 pontos.

Quando olhamos para as exportações de bens e serviços, atualmente, em Portugal, vemos que o primeiro setor é o das viagens e turismo, mas o segundo setor é o das máquinas e aparelhos. E depois vêm os setores dos veículos automóveis e outros veículos de transporte. Muita gente ainda pensa que as nossas exportações são sobretudo cortiça, calçado, têxtil e vestuário, mas elas não estão dentro dos quatro primeiros setores de exportação de Portugal.

O têxtil, o calçado, a cortiça e o vestuário que exportamos é hoje completamente diferente do que era tradicionalmente. Já somos conhecidos não propriamente por inundar a Europa com camisolas de baixo custo, mas, sim, pelos fatos de natação de competição mais velozes, pelo têxtil técnico, designadamente aquele que vendemos para a NASA, pela

nossa cortiça, que para além de permitir conservar bem os vinhos em garrafas fechadas serve hoje como isolamento térmico, nos guarda-chuvas, na decoração de interiores, entre outros. Um dos setores que mais se transformou e modernizou foi o setor agroalimentar.

A qualidade do nosso azeite, dos nossos vinhos, das nossas hortas, da nossa agricultura, é completamente diversa (para melhor) do que há 10 ou 15 anos. A lição principal que aproveitamos da crise é: nós não podemos fazer assentar a nossa competitividade apenas em baixos salários. Porque aí haverá sempre, na Ásia, em África e na América Latina, quem tenha salários ainda mais baixos. Também na China e na Índia. Tem de se assentar o desenvolvimento em valor acrescentado, qualificação, tecnologia e talento. Isso foi a lição que principal que aprendemos todos.

As relações multilaterais e bilaterais de política externa entre Portugal e o mundo são asseguradas através da sua rede externa de embaixadas, missões permanentes e postos consulares. Considera que tem havido uma evolução na forma de estar, de intervenção, ação e de relação, por parte dos nossos diplomatas? A exigência versus resposta tem hoje para si uma avaliação positiva dos nossos diplomatas?

De forma muito sumária, a diplomacia portuguesa é um corpo profissional muito qualificado. Muito exigente, quer



do ponto de vista de entrada, quer do de carreira, muito qualificado. Muito bem treinado nas questões político-diplomáticas. Nos últimos 20 anos os nossos diplomatas foram, crescentemente, assumindo a importância da diplomacia económica, e por isso foram, paulatinamente, compreendendo que têm de trabalhar também com as delegações da AICEP ou com o Turismo de Portugal. Eu diria que o meu modesto contributo foi o de acrescentar a esta qualificação tradicional de vertente político-diplomática, esta qualificação mais recente na vertente diplomacia-económica.

A ação externa do MNE em matéria de cooperação para o desenvolvimento e promoção da língua e da cultura portuguesas, é prosseguida pelo Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I. P., sob a superintendência e tutela do seu Ministério. Como avalia as políticas e evolução das mesmas nesta matéria, sendo que a nossa língua viva é cada vez mais falada no mundo? A rede de ensino de português

no estrangeiro tal como existe actualmente é suficiente? As coordenações de ensino de português espalhadas pelo mundo têm dado a resposta necessária?

Penso que aquilo que tem acontecido é uma consolidação de desenvolvimento, à qual chamamos, tecnicamente, incremental, prosseguindo e avançando no trabalho do Instituto Camões. Se eu olhar para a rede de ensino português no estrangeiro, ela tem hoje mais estudantes, mais professores e mais escolas do que tinha em 2015. A presença da cultura e língua portuguesas no ensino superior está hoje em mais de 30 países, temos 76 centros de Língua Portuguesa em todo o mundo. Quando nós olhamos para outro indicador muito importante, que é o número de países em que o português gera hoje uma língua estrangeira por opção curricular no ensino secundário, o número desses países também tem aumentado. Nós sabemos que existem, no presente, cerca de 70 mil estudantes frequentando escolas financiadas ou apoiadas pelo Instituto Camões através da



nossa rede de ensino português no estrangeiro. Contudo, ainda é maior o número de estudantes de Língua Portuguesa nas escolas secundárias em países como o Senegal (40 mil), Espanha (que também tem outras dezenas de milhares), a Costa do Marfim, a República Checa, a Tunísia, a Argélia, a Polónia, a Hungria, e por aí fora. E é muito importante que, ao mesmo tempo, preservemos o nosso ensino do português no estrangeiro, a responsabilidade das nossas coordenações de ensino no Luxemburgo, na Bélgica, na Holanda, na Alemanha, na Suíça, nos Estados Unidos, entre outros países. Ao mesmo tempo, mantemos essa rede e consolidamo-la. Temos de ver a expansão do português como uma linha internacional. Da mesma forma que, na nossa escola secundária, quem quer aprender francês, espanhol ou alemão, a comunidade de professores que nós formamos, e a quem pagamos, é também muito importante que cresça num maior número de países, e finalmente que o português seja também a língua que as pessoas querem aprender não só por serem portuguesas ou descendentes, mas, simplesmente, também por interesse e curiosidade em aprender a nossa língua.

O Conselho das Comunidades Portuguesas é um órgão de proximidade, face ao conhecimento da verdadeira realidade local por parte dos conselheiros e é um órgão de consulta do Governo e de colaboração com a Assembleia da República. Como avalia esta relação entre Governo e CCP? Que trabalho conjunto tem sido desenvolvido? Considera que a tutela do CCP está bem no seu ministério, ou entende que estaria melhor sob a tutela da Assembleia da república como alguns defendem?

A relação entre o Governo e o CCP é bastante boa, daí resultando benefícios claros para a política das comunidades. O Ministério dos Negócios Estrangeiros conduz todas as atividades na frente europeia e externa e, por isso, não faria sentido, na minha opinião, retirar da sua “tutela” o CCP.

O que reserva o PRR em matéria de política externa e comunidades portuguesas?



Reserva o financiamento do novo modelo de gestão consular, o processo de digitalização do ensino do português no estrangeiro e a melhoria da segurança e operacionalidade da rede de comunicações do MNE.

Considerando que possamos estar na reta final da pandemia Covid-19, pelo menos com a possibilidade de começarmos a retirar progressivamente as medidas impostas, e tendo presente as mudanças que esta pandemia trouxe ao mundo e à vida de cada um, que análise faz atualmente, em jeito de balanço, às consequências e ao impacto desta pandemia? Que impacto trouxe em termos dos mercados, das relações comerciais entre países, das exportações/importações e dos preços finais para o consumidor?

A pandemia provocou uma crise económica muito grave em 2020. Felizmente, mercê das políticas postas em prática pela UE e pelos seus estados-membros, foi possível relançar a economia, com muita pujança, já em 2021. Tudo leva a crer que a economia portuguesa e a europeia terão uma retoma muito rápida e melhorarão o seu nível de resiliência.

Ao longo do exercício das suas funções como Ministro dos Negócios Estrangeiros, recorda alguma situação que gostaria de partilhar?

Do lado positivo, evidentemente, nunca me esquecerei do dia 6 de outubro de 2016, pelas 14h30, no pátio aqui em baixo. Ouvi as primeiras palavras da intervenção do então Presidente do Conselho de Segurança, o embaixador russo, proferindo que o António Guterres tinha sido eleito. Do lado mais negativo, evidentemente, que notícias como a do atentado do Sri Lanka, no qual faleceu um português que estava em lua de mel. Essa e todas as notícias semelhantes. Depois, há milhares de histórias de pessoas que vão completamente à aventura, não conhecendo a língua, e que apenas pelo seu talento, singram.

Deseja deixar alguma mensagem aos leitores da DESCENDÊNCIAS Magazine, espalhados pelo mundo fora?

Que tenham boa saúde – que a pandemia nos recordou ser um bem muito precioso.



| M I G R A Ç Õ E S

Sobre a mulher empresária

e o seu impacto no desenvolvimento socioeconómico

Desde que fundei a Ei! Assessoria Migratória, há quase uma década, tenho estado cada vez mais atenta e mais envolvida na compreensão das desigualdades estruturais assentes na nossa sociedade, principalmente as desigualdades de género. Tendo antes trabalhado num setor maioritariamente masculino, e sendo uma empreendedora em Portugal, ao longo dos anos foi ficando cada vez mais clara a perceção de

como a desigualdade tem um impacto direto na vida de muitas mulheres, da mesma forma que fiquei a perceber os obstáculos que as próprias mulheres se colocam dentro do mundo profissional e do empreendedorismo.

Apesar de existirem já vários estudos sobre o desenvolvimento do empreendedorismo social na Europa, é visível que a perspetiva de género ainda não foi devidamente introduzida, sendo

que são escassos os dados empíricos relativos a mulheres empresárias e ao seu papel no desenvolvimento da nossa sociedade e economia. Isto levanta algumas preocupações, porque fica a questão: como vamos apresentar soluções eficientes, se pouco conhecemos o problema?

É certo que no campo tradicional do empreendedorismo, há uma grande disparidade na presença de homens e

mulheres, sendo que entre 2019 e 2020, na Europa, de todas as startups criadas, apenas 8% foram fundadas por mulheres. Por outro lado, alguns estudos apontam que há uma maior participação de mulheres, em relação a homens, nas organizações sem fins lucrativos. Isto poderá ser justificado pelo facto de as mulheres, com a bagagem de papéis de género que lhes é atribuída à nascença, se sintam mais próximas de problemas sociais. Seja como for, num caso ou noutro o eco destas ações parecem não chegar a muitas pessoas.

Há algumas semanas atrás tive o privilégio de fazer parte da mesa de participantes num workshop em que tema era Mulher empresária e o seu impacto no desenvolvimento socioeconómico. Foi um prazer reencontrar rostos conhecidos e bem familiares, mas foi ótimo poder ouvir testemunhos incríveis de mulheres espalhadas pelas terras da lusofonia, que de alguma forma contribuíram não só para quebrar com o estigma da mulher empresário, como para alguma forma de desenvolvimento económico, social ou político, nos contextos em que estavam inseridas. Este tipo de espírito no meu género, mesmo nos dias de hoje, continua a ser motivo de aplausos, pois alguns estudos académicos recentes indicam que as mulheres ainda são discriminadas com base no seu aspeto, são-lhes conferidas menos oportunidades de poder

e participação ativa no processo de tomada de decisão, sendo que muitas, inclusivamente, sentem mais entraves no networking.

Ademais, e apesar dos dados estatísticos apontarem que startups fundadas por mulheres têm um melhor desempenho e uma maior probabilidade de sucesso, estas são quem tem menos acesso a financiamento disponível. Isto também está, mesmo que de forma indireta, relacionado com a disparidade salarial no empreendedorismo social: mulheres empreendedoras recebem menos 23% do que os seus colegas homens no mesmo cargo (dados de 2014). Considerando uma investigação, levada a cabo pelo European Women's Lobby, existe uma esmagadora vontade em dar resposta a necessidades pouco ou nada solucionadas ao nível da comunidade e é este facto que gera a maior motivação para uma mulher iniciar um negócio social, ou que possa ter impacto numa necessidade específica da sociedade. Este dado é curioso considerando a intervenção de uma das participantes deste workshop, ao referir que, “a vontade de gerar inovação social e ter uma maior liberdade na carreira profissional são pontos importantes de motivação para nos tornarmos empresárias”. Isto leva-me a questionar o seguinte: será que as mulheres empreendedoras estão conscientes que, por vezes, podem estar a desenvolver um negócio social?

Ou seja começam um negócio baseado na ideia do lucro e só depois se apercebem que o seu negócio gera impacto social?

É importante que se consiga concluir que a falta de visibilidade das mulheres no empreendedorismo, especialmente mulheres em cargos de liderança, contribui para que jovens mulheres das próximas gerações não se sintam devidamente encorajadas a desenvolver competências e mentalidade empreendedora, a compreender o empreendedorismo e a posição de empresária como uma carreira recomendável. Das muitas lições que tirei deste workshop, há duas que considero fulcrais pensarmos todos sobre elas: a primeira é que por um lado, como mulheres, devemos ser mais fortes e audazes do que os estigmas sociais nos definem, indo além de qualquer sensação de desencorajamento; por outro lado também acredito que é preciso começar a criar notoriedade, através de estudos concretos, para o papel da mulher empresário para a economia e para a sociedade na qual está inserida. Desta forma, não só incentivamos as futuras gerações de jovens mulheres com sonhos de singrar nesta área, como contribuimos para a mudança de mentalidade sobre as mulheres empresárias.

Se tiver interesse em saber tudo o que foi falado neste workshop clique aqui.



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Porque fortalecer o CCP é fortalecer as comunidades no estrangeiro?



No momento em que verifica-se uma reconhecida importância das nossas Comunidades, talvez impulsionada pelo número de eleitores atuais no estrangeiro, surge simultaneamente um real interesse pelo trabalho e pelo que o CCP representa.

Isso tornou o tema “CCP” mais presente, em que pese muito ainda haver a ser feito. Fala-se bem mais do Conselho, quer para realçar suas necessidades e assim melhor

desempenhar suas funções legais, quer para criticar a sua falta de resultados, quer mesmo para indicar preocupações, às vezes legítimas e às vezes nem por isso, quanto à duração do atual mandato.

Então, neste momento em que finalizamos as comemorações dos 40 anos do CCP, tentemos responder a essas reflexões...mas, em primeiro, lanço uma importante observação: que nesses 40 anos de início do CCP, pelas mãos da

antiga SECP, Manuela Aguiar, esse órgão passou dez anos (1987-1997) sem funcionamento e somente foi resgatado pela ação de outro antigo SECP, José Lello. Podemos então dizer que o atual CCP ressurgiu e com novas feições há 25 anos.

Feita esta observação histórica, a verdade é que o CCP nunca dispôs de todos os meios para exercer plenamente suas funções legalmente previstas. A necessária autonomia, enquanto órgão de aconselhamento, exige dos Governos de Portugal, orçamento e estrutura que proporcionem o devido e reconhecido diálogo, o que nunca ocorreu plenamente.

Lembro aqui das palavras de Manuela Aguiar quando disse em entrevista concedida no âmbito do projeto “Memória do CCP”, dessa “voluntária ação dos Governos pela invisibilidade do CCP”.

Contudo, muito se trabalhou pelas Comunidades nesses anos todos. A própria crítica histórica acerca da “falta de resultados do CCP” não se mantém quando passamos aos factos, ficando mais como peça de retórica. Importantes conquistas para as Comunidades Portuguesas que vivem no estrangeiro decorreram da problematização do CCP em seus diversos mandatos: poder votar para a Presidência da

República; os apoios por meio do ASIC e do ASEC; a extensão e a simplificação da Lei de Aquisição da Nacionalidade; o recenseamento eleitoral automático; o aumento de validade do cartão de cidadão etc. Se isso não são exemplos da atuação do CCP em conjunto com outros atores políticos durante esses 40 anos, o que será?

Assim, apesar de compreender que todos sempre querem mais resultados, eles existem. E, considerando as dificuldades que existiram para cumprir sua missão e seus objetivos ou atribuições legais, posso dizer que muito o CCP contribuiu para as Comunidades.

Talvez também por isso, haja um interesse (absolutamente legítimo) de potenciais candidaturas ao CCP, o que provoca uma série de perguntas e críticas acerca do término deste mandato e da eleição ao próximo. Esperamos que tudo possa estar resolvido no próximo semestre em 2022. Nada deixou de ser feito, mesmo durante a pandemia e o trabalho continuará até que cessem as funções dos atuais conselheiros. Depois a eleição e a posse; e nesse tempo e mais além continuará o CCP, com quer que seja a sua formação, a buscar mais estrutura e mais autonomia, porque fortalecer o CCP é fortalecer as Comunidades no estrangeiro.

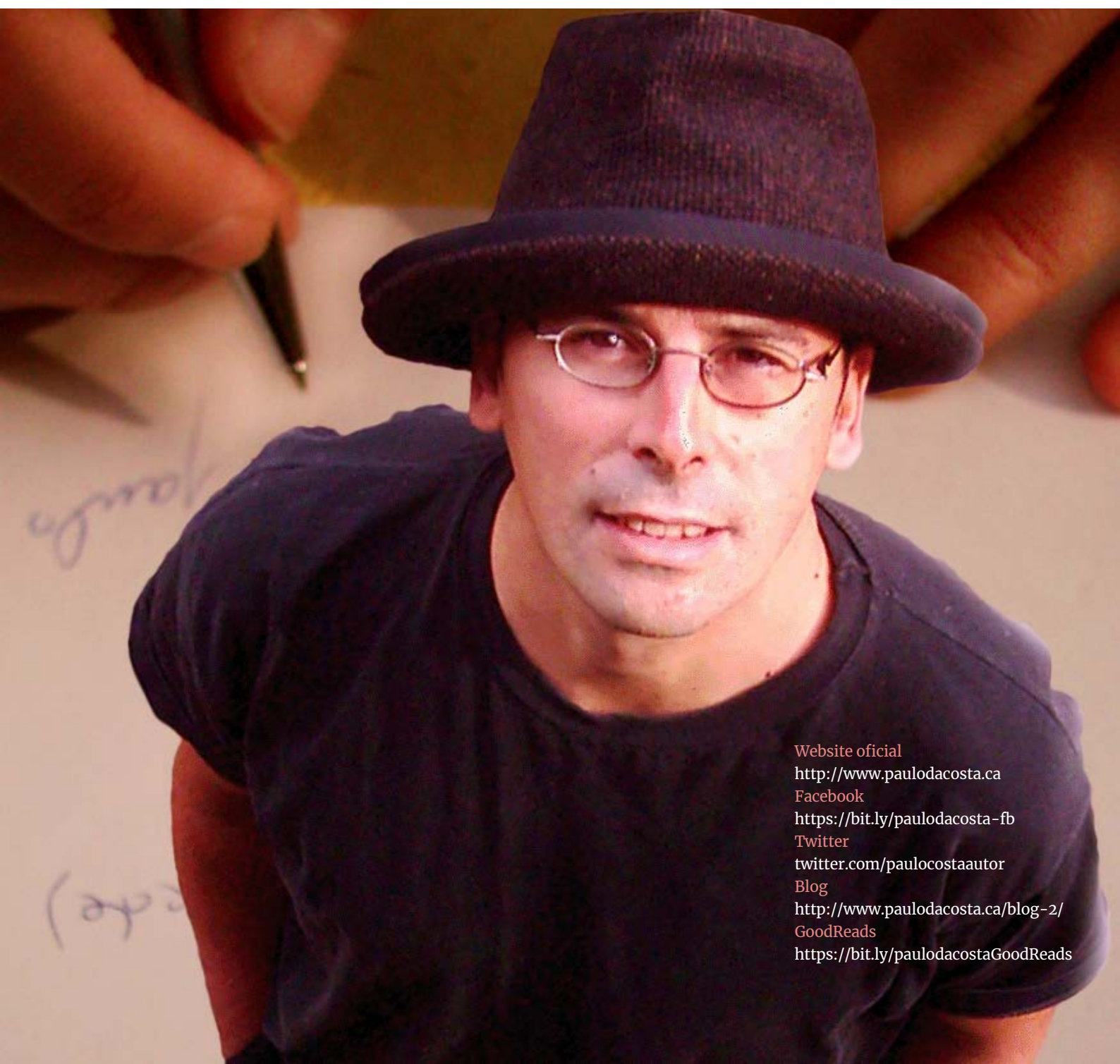


Flávio Martins

Presidente do Conselho das Comunidades Portuguesas

| A R T E S E A R T I S T A S L U S O S

Paulo da Costa



Website oficial

<http://www.paulodacosta.ca>

Facebook

<https://bit.ly/paulodacosta-fb>

Twitter

twitter.com/paulocostaautor

Blog

<http://www.paulodacosta.ca/blog-2/>

GoodReads

<https://bit.ly/paulodacostaGoodReads>

Paulo da Costa nasceu em Luanda, Angola e cresceu em Portugal. Presentemente reside no sopé das Montanhas Rochosas em Calgary, no Canadá. Os seus trabalhos já foram galardoados com os prémios James H. Gray Award para o ensaio, o Commonwealth First Book Prize for the Canada-Caribbean Region, o W. O. Mitchell City of Calgary Book Prize para ficção e o Canongate Prize para o conto. A sua ficção e poesia estão representadas em diversas publicações espalhadas por cinco continentes. Alguns desses trabalhos foram traduzidos para Italiano, Esloveno, Espanhol, Servo e Português.

Nasceu em Luanda, cresceu em Portugal, fez a sua circum-navegação pelo mundo e decidiu ficar a viver no Canadá. Foi por causa do seu encontro com o urso, que decidiu ficar a viver no Canadá? Já agora como foi esse encontro?

Esse memorável ataque do urso pardo acordou-me para as prioridades da minha vida, e para não mais adiar a concretização dos meus sonhos pessoais. No meu caso foi regressar à escrita após uma década de interregno, o que havia acontecido desde a adolescência. O encontro com o urso também aprofundou a minha apreciação do mundo natural e da necessidade urgente de preservação dos ecossistemas prístinos.

Quem é Paulo da Costa, o autor que está por trás das suas obras?

Um sonhador, um otimista. Amante da natureza e sempre à procura de crescer como ser humano.

De todos os livros que escreveu, qual aquele que lhe deu mais prazer ou que tem um significado especial?

Learning to Shave, Learning to Leave tem um especial significado, pois contém ensaios biográficos sobre as minhas experiências como pai. Através de conversas íntimas com o meu filho de quatro anos e documentadas ao longo de uma estadia de cinco meses em Portugal, essas narrativas oferecem reflexões sobre a paternidade, sobre o sentido de identidade masculina, enquanto família multicultural e multilingue.

Continua ligado a Portugal de alguma forma, e a Vale de Cambra em especial?

Com a minha família luso-canadiana visitamos Portugal anualmente para manter os laços familiares e linguísticos com toda a família alargada que sempre permaneceu em Vale de Cambra. É assim uma forma de transmitir esse legado e expansão cultural para as novas gerações, tanto lá, como cá.

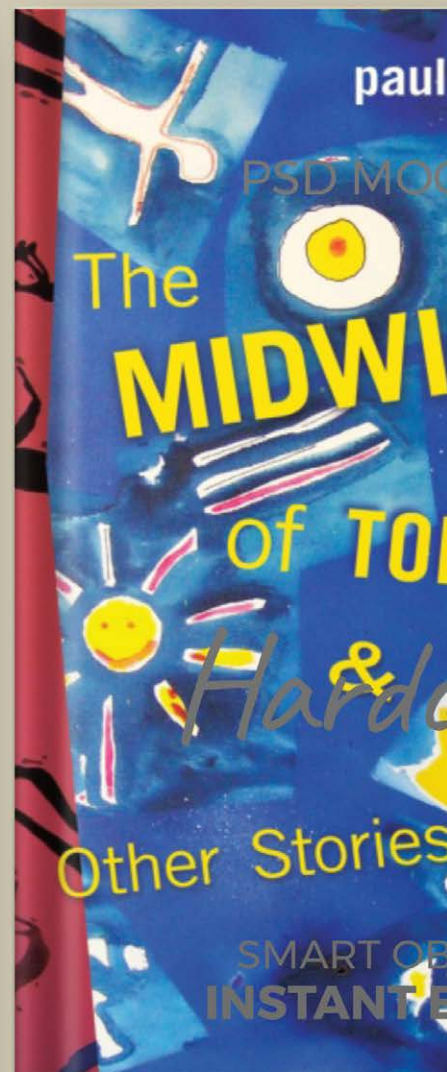
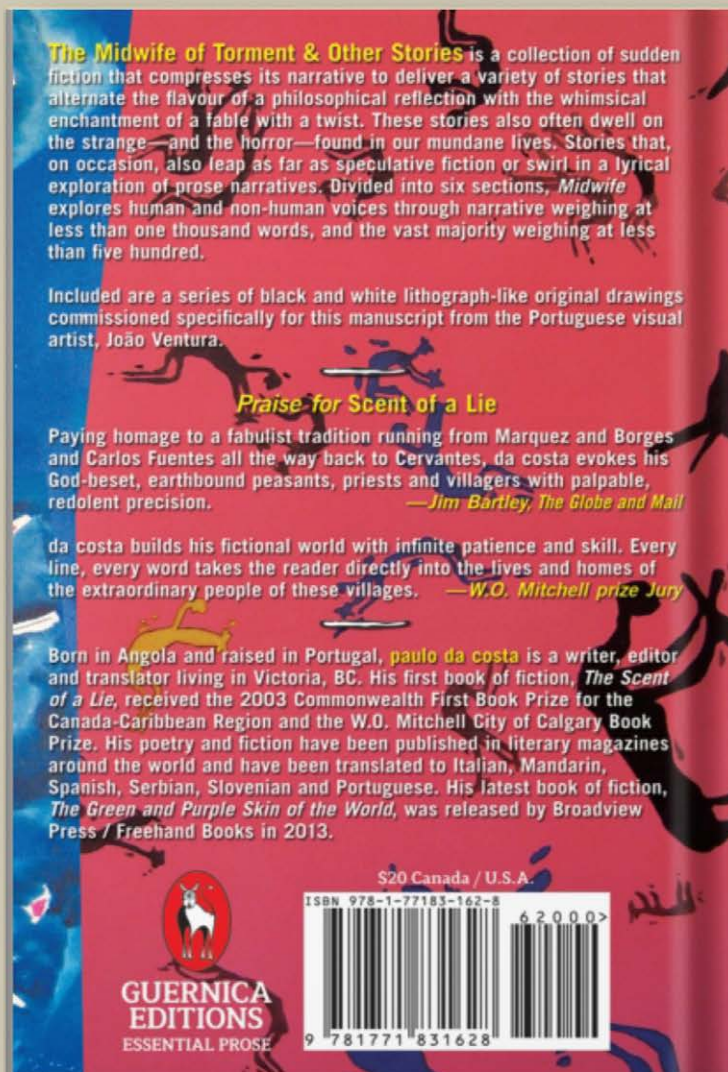
Quando escreveu o premiado “Scent of a Lie”, demorou cerca de 1 ano a sua escrita, mas a sua publicação só foi possível 5 anos depois. Ainda sente essa dificuldade para a publicação das suas obras?

Ironicamente a dificuldade de publicação parece ter aumentado. Atribuo esse fenómeno, em parte, aos temas difíceis que abordo nas minhas obras. Parece-me que cada vez mais as editoras só apostam em obras de fácil mercado para agradar ao maior número possível de leitores, pre-

ferindo assim livros que não façam demasiadas ondas ou desafiem os seus leitores. Como eu não escrevo para agradar a mercados ou trabalho ao sabor dos temas que estão na berra, acabo por não ser uma boa galinha de ovos de ouro no mercado dos livros.

Quais os temas mais presentes na sua escrita e o porquê?

Interessa-me pesquisar as amarras culturais que nos fincam a portos seguros, mas diminutos, interessa-me





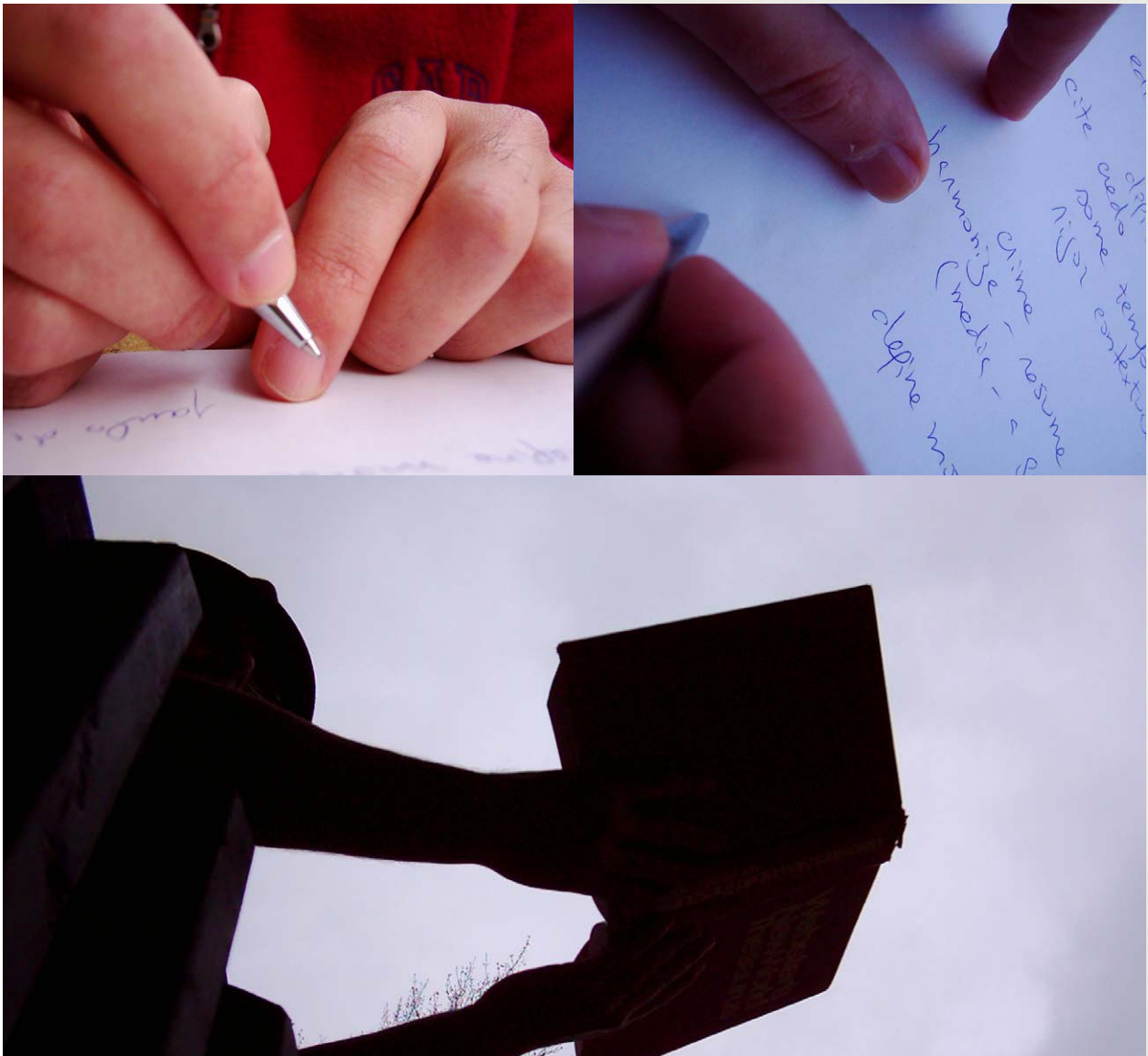
compreender como podemos viver em comunidade respeitando e incentivando as diferenças, interessa-me explorar as limitações dos nossos códigos linguísticos na comunicação intra-pessoal, na procura de quem somos e de onde vimos.

Escreveu ficção, poesia, ensaios, antologias. Qual a forma literária com que mais se identifica?

Identifico-me com todas essas formas. São tipos de abordagem e linguagens distintas para explorar as nossas narrativas, para comunicar as nossas experiências interiores, assim como a forma de como vemos e interpretamos o mundo. Essas distintas formas literárias funcionam um pouco como quem domina diversos idiomas e se apercebe que cada língua tem os seus pontos fortes e menos fortes de comunicação e apreensão da realidade.

Considera o multilinguismo uma vantagem? Em que aspetos?

O facto de eu estar em contacto com perspetivas distintas de ver o mundo e de estar na vida enriquece-me e permite-me contemplar as minhas próprias



limitações culturais e pessoais. Para quem tem uma postura de desejar crescer interiormente, o multiculturalismo é uma porta importante de exposição às muitas facetas humanas de estar e de viver.

Quais são os seus projetos para 2022?

Terminar o manuscrito de ensaios biográficos *Learning to Shave*, *Learning to Leave*, assim como encontrar uma editora que queira publicar o meu manuscrito de ficção que tem como pano de fundo a guerra colonial em Angola e a revolução dos cravos.

Pensa regressar a Portugal?

Visito Portugal anualmente e não me surpreenderia se um dia alargasse cada vez mais esse tempo que lá passo. Os meus filhos adoram Portugal.

Onde podemos comprar as suas obras? Em Portugal estão à venda?

Em Portugal os meus livros-papel só se podem adquirir através da Amazon. No formato digital e de áudio-livro também pela plataforma Kobo.



Qual é o seu maior sonho?

Contribuir para deixar um mundo melhor para as novas gerações.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Dados os desafios de sobrevivência que atravessamos: desde as alterações climáticas, as desigualdades sociais e económicas, até há ascendência das ideologias

autoritaristas e totalitaristas, mais do que nunca o papel do criador artístico tem um relevo importante. Muito embora muitas disciplinas artísticas tenham sido relegadas para um papel mais domesticado, quer de entretenimento, quer de escapismo, penso que chegou a hora de mais artistas refletirem em como poderemos, através das nossas metáforas, imaginação, do nosso olhar crítico, ajudarmos na construção um mundo mais livre e mais justo para as próximas gerações.



Terry Costa

Presidente do Conselho Cultural da AILD

AMBIENTE

O direito a um ambiente limpo

O direito a um meio ambiente seguro, limpo, saudável e sustentável, passou a ser um direito humano fundamental. Esta decisão resultou de uma resolução do Conselho dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), tomada a 7 de Outubro do corrente ano. Apesar de não ter carácter vinculativo, esta tomada de posição funciona como um mecanismo de apoio na defesa dos direitos humanos e do meio ambiente. Uma decisão histórica recebida com aplausos, que tardou, mas acabou por acontecer.

Esta decisão reveste-se ainda de um maior significado por

ter sido tomada pouco tempo antes da Conferência de Mudanças Climáticas da ONU, em Glasgow, na Escócia, com início a 31 de Outubro e término a 12 de Novembro. A ONU quis assim dar um sinal para as populações e grupos ambientalistas de que não estão sozinhos na defesa e protecção do meio ambiente, responsabilizando, por outro lado, os governos, para que tomem medidas concretas nesse sentido.

A resolução supra citada destaca que “a degradação ambiental, as mudanças climáticas e o desenvolvimento insustentável são algumas das mais sérias ameaças à capacidade das gerações presentes e futuras de usufruir dos direitos humanos, incluindo o direito à vida”. Além

disso, estabelece que os governos dos diversos países membros da ONU “têm a obrigação de respeitar, proteger e promover os direitos humanos, inclusive em todas as acções empreendidas para enfrentar os desafios ambientais, e de tomar medidas para proteger os direitos de todos”. Após esta decisão, os governos são obrigados a adoptar “medidas adicionais” para protegerem todos aqueles que são “particularmente vulneráveis aos danos ambientais”.

Todavia, se só agora a ONU decidiu nesse sentido, no caso de Portugal, esse direito já estava inscrito na Constituição da República, consagrado no artigo art.º 66.º, que refere o seguinte:





“1. Todos têm direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender.

2. Para assegurar o direito ao ambiente, no quadro de um desenvolvimento sustentável, incumbe ao Estado, por meio de organismos próprios e com o envolvimento e a participação dos cidadãos:

a) Prevenir e controlar a poluição e os seus efeitos e as formas prejudiciais de erosão;

b) Ordenar e promover o ordenamento do território, tendo em vista uma correcta localização das actividades, um equilibrado desenvolvimento sócio-económico e a valorização da paisagem;

c) Criar e desenvolver reservas e parques naturais e de recreio, bem como classificar e proteger paisagens e sítios, de modo a garantir a conservação da natureza e a preservação de valores culturais de interesse histórico ou artístico;

d) Promover o aproveitamento racional dos recursos naturais, salvaguardando a sua capacidade de renovação e a estabilidade ecológica, com respeito pelo princípio da solidariedade entre gerações;

e) Promover, em colaboração com as autarquias locais, a qualidade ambiental das povoações e da vida urbana, de-

signadamente no plano arquitectónico e da protecção das zonas históricas;

f) Promover a integração de objectivos ambientais nas várias políticas de âmbito sectorial;

g) Promover a educação ambiental e o respeito pelos valores do ambiente;

h) Assegurar que a política fiscal compatibilize desenvolvimento com protecção do ambiente e qualidade de vida.”

Se a Constituição da República Portuguesa e outros instrumentos legais, nomeadamente, a Lei de Bases da Política do Ambiente (artigos 5.º, 6.º, 7.º e 8.º) e o Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia (art.º 191), consagram esse direito, por que motivo o Governo português prossegue com as suas políticas anti ambientais? Os exemplos são vários, desde o tratamento de resíduos, até às autorizações de projectos relacionados com monoculturas (eucaliptos, abacates), painéis solares, mineração (lítio e outros minerais), parques eólicos, entre outros. E, se o Governo, demitindo-se das suas responsabilidades, não tem ocupado o lugar que lhe compete na defesa de um ambiente seguro, limpo, saudável e sustentável, a quem cabe essa função? Aos cidadãos e organizações ambienta-



listas, a quem não resta outro caminho senão tomarem as rédeas dessa mesma defesa. É a única forma de verem os seus direitos salvaguardados!

Não deixa de ser curioso, o seguinte: alguns dos maiores danos ambientais têm sido provocados a coberto da implementação de modelos de desenvolvimento relacionados com as ditas energias limpas!

Porque é importante manter um meio ambiente limpo, sustentável e saudável? Várias são as razões que o justificam. Todos sabemos que a poluição do ar, da terra e das águas, reduz a qualidade da saúde das pessoas e reduz a expectativa de vida. A protecção do meio ambiente é um escudo protector das alterações climáticas, que incrementam riscos adicionais à segurança e à saúde das po-

pulações. Por outro lado, a preservação da biodiversidade é muito importante para manter a qualidade e o valor nutricional dos alimentos.

Segundo o relatório “UN Special Rapporteur on human rights and the environment” elaborado por David R. Boyd, em 2018, a cada quatro segundos há uma vida humana a terminar, de forma prematura, porque foi exposta a poluição e outros danos ambientais. Urge alterar esta situação dramática.

Em jeito de conclusão, esperamos que esta resolução da ONU não seja mais uma norma para fechar a sete chaves no baú do esquecimento. Não é por falta de instrumentos jurídicos que a qualidade do meio ambiente não tem sido preservada. Falta a sua aplicação prática!

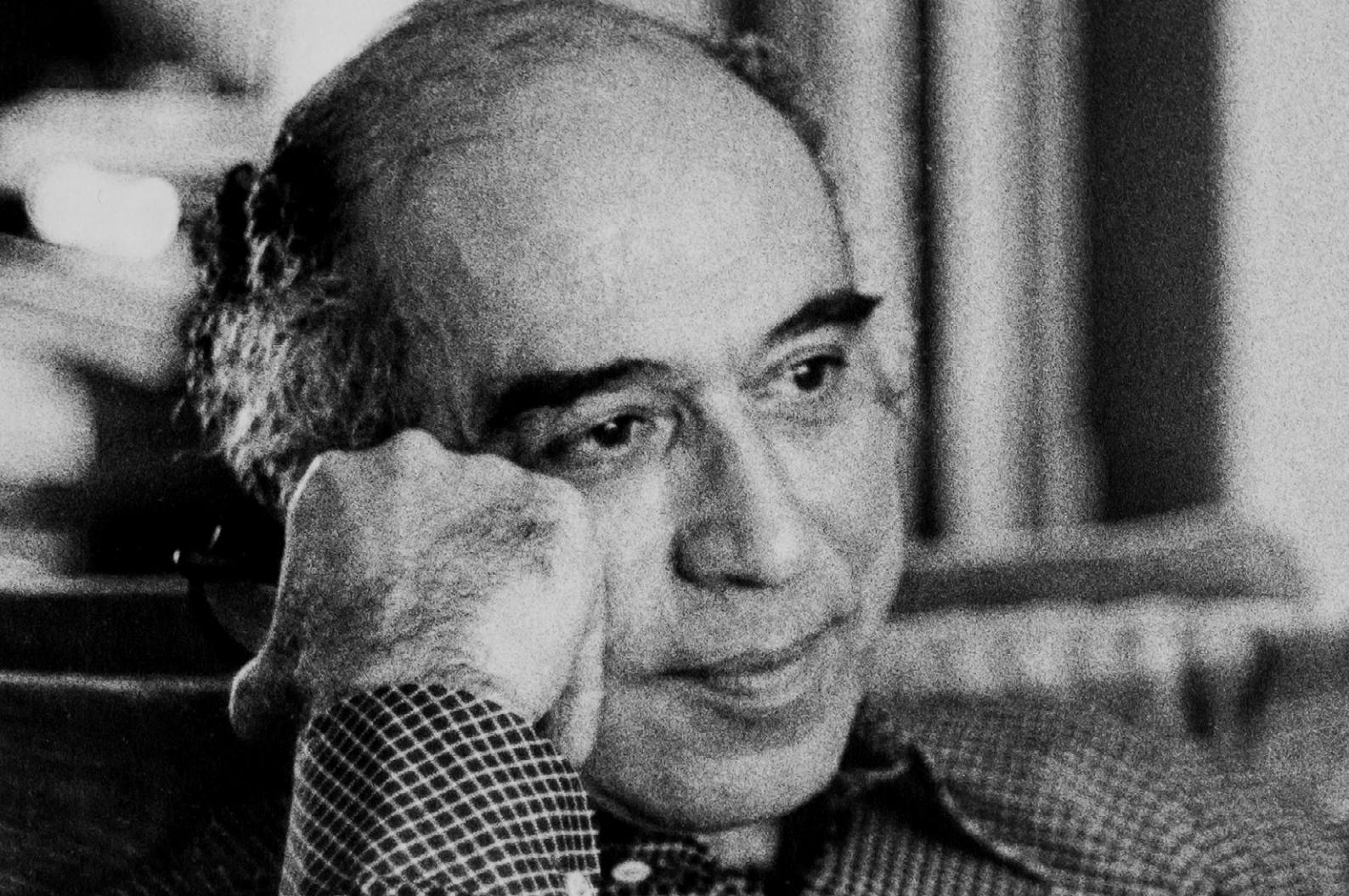


Vitor Afonso
Mestre em TIC

Metamorfose

*Hoje as palavras nada dizem de
naufrágios.
Pétalas apenas
Pétalas não visíveis
Infinitas pétalas
E na ponta dos nossos dedos
O fantasma de uma doce, habitável
Cidade
Suas vestes de púrpura e de lenda
Seu corpo, fruto tenaz e justa
partilha.
De uma exacta metamorfose somos
testemunhas.*

Conceição Lima



LITERATURA PORTUGUESA

Fernando Namora Parte I

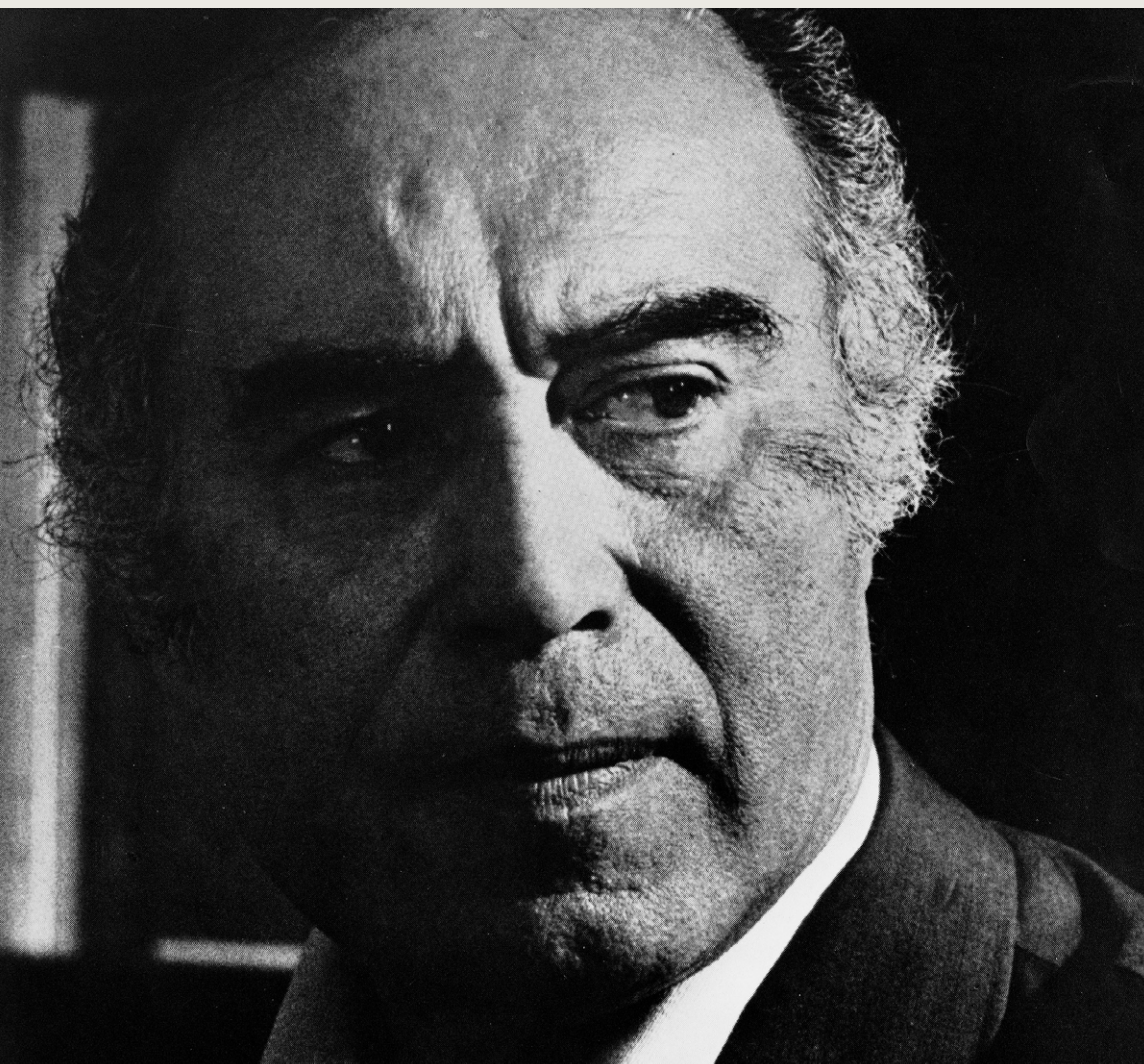
O Mundo é Mudança, não há geografias fixas, mas há raízes profundas

*«Ó vila do meu nascer,
assim sonolenta e calma:
que uma onda do teu sono venha temperar
o mar encapelado do meu sangue
em fogo.»*

(Retratos de Família, As Frias Madrugadas, p. 151)

Há muitas biografias num só corpo. Há também várias geografias. Falar de Fernando Namora implica falar de espaço, de Portugal, sobretudo. De um Portugal genuíno, rarefeito

nos dias de hoje. Um Portugal de dor, fome e cansaço, mas também um Portugal de esperança e de amor à terra. Condeixa foi berço, Coimbra molde, Monsanto nave, Pavia uma fascinação de cal e de silêncios extasiados, e Lisboa, a cidade, um arquipélago de ilhas sem ponte, um formigueiro em pânico e tantas vezes, o silêncio. A obra de Fernando Namora funda-se em vários caminhos e várias facetas, numa vida complexa de quem precisou conciliar o amor pela arte e pela literatura com a profissão de médico. Ou a quem a profissão de médico concedeu um conhecimento enriquecido nas



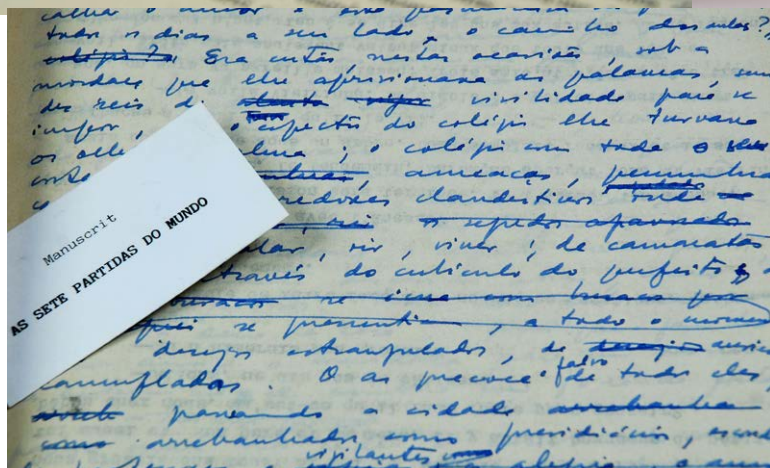
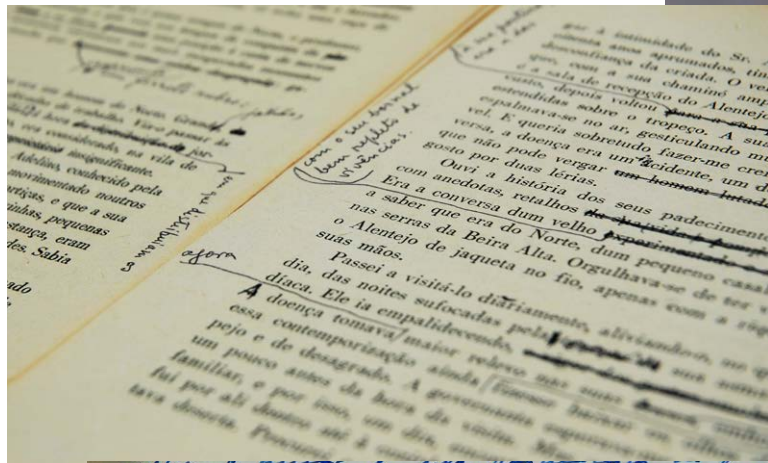
dores de corpo e de alma, de terras e gentes. Terras rurais, do interior de um Portugal quase esquecido — montanhoso, plano, desmesuradamente frio ou torridamente quente — mas também do Portugal urbano — Coimbra e Lisboa. E Namora quis dar-nos conta de tudo isso:

«Gostaria de vos contar coisas dessa gente. Coisas da vila, do Alentejo cálido e bárbaro e dos heróis que lhe dão nervos ou moleza, risos ou tragédia. (...) E gostaria de vos falar ainda dos trigos e dos poentes incendiados, dos maiorais e dos

lavradores, do espanto dos dias, do apelo confuso da terra, da solidão.»

(Namora, *O Trigo e o Joio*, pp. 22-23)

Estas linhas resumem bem o movimento literário neorrealista em que Namora se inscreve mas, acima de tudo, o que o faz inscrever-se nele: a atenção e a proximidade à terra e a quem a vive e nela vive. É justamente da terra, do território, que julgamos necessário falar ainda, quando já tanto se disse a propósito deste autor.

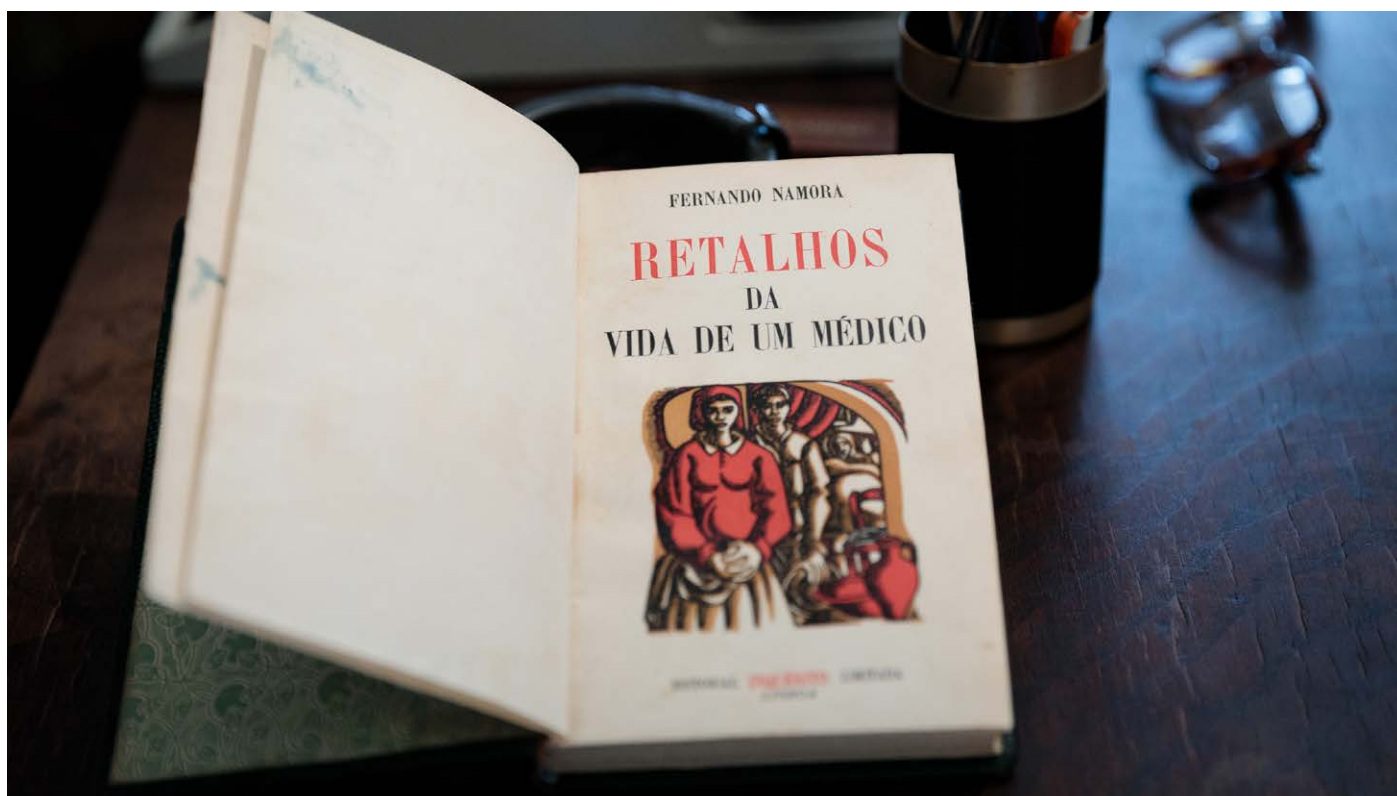


Filho de António Mendes Namora e de Albertina Augusta Gonçalves Namora, camponeses da aldeia de Vale Florido, no concelho de Ansião. Para tentarem melhorar a qualidade de vida os pais abandonam a agricultura e abrem no rés-do-chão da casa que vêm a habitar em Condeixa uma retrosaria. Fernando Gonçalves Namora nasce assim em Condeixa, a 15 de abril de 1919, naquela que é hoje a Casa-Museu com o seu nome. Aí viveu durante os primeiros dez anos de vida, até completar a instrução primária na Escola Masculina Conde Ferreira (hoje Galeria Manuel Filipe). A continuidade dos estudos leva-o para fora de Condeixa, primeiro para Coimbra, depois para Lisboa e novamente Coimbra. Findo o curso de medicina chega a abrir um consultório em Con-

deixa, mas por breves meses. E novas deambulações se seguem: desce «degraus no mapa, da Beira Litoral para a Beira Baixa, desta para o Alentejo» e depois para Lisboa.

Seria fácil esquecer uma vila pequena, no litoral do país, onde se viveu a infância e as férias escolares. Seria fácil também compará-la e diminuí-la, com todos os lugares que conheceu. Mas se a comparou, foi sempre para a engrandecer, foi sempre para a sublinhar modelo: «(...) a minha terra, a sua paisagem e a sua gente estão mais próximas de uma vida feliz. Cultivando a amizade, a colaboração, o otimismo, vão mais longe e vivem mais intensamente. (...) Da distância lhes envio este abraço.»

(Revista das Beiras, Ano II (Jan-Jun), p. 12).



Em meio século de vida literária (1938-1988), Namora deixa-nos trinta e duas obras publicadas, algumas delas com adaptação ao cinema. Falamos de *Retalhos da Vida de um Médico* (que originou também uma série televisiva), *O Trigo e o Joio* e *Domingo à Tarde*. Deixa-nos inúmeras pinturas, também. Uma obra vasta de quem conseguiu a magia de ser aliado do tempo; magia essa que é trabalho e sacrifício familiar, tantas vezes:

«— Para que escreves?

Esse “para que” desarma-me, encoraja-me a desertar. Mas se, apesar de tudo, resisto, se mostro preferir os silêncios e a detestada máquina à vossa companhia, recorres a outras armas mais capciosas:

— O avô já escreveu tudo?

E, nesse ponto, rendo-me. Para meu alívio e satisfação de ambos.

Agora, porém, o que tenho para pôr no papel é um modo de permanecer convosco, de dilatar estes dias efêmeros.»

(Estamos no Vento, pp. 23-24)

Em Condeixa, sua raiz mais profunda, sua matriz, a Casa-Museu Fernando Namora tenta preservar esse tempo de criação artística e literária, mas também esse tempo familiar. Constitui-se em quatro núcleos fundamentais: o núcleo de pintura da autoria de Fernando Namora; o núcleo artístico composto por obras de outros artistas que doaram as suas obras a Namora, com pintura e escultura; o fundo documental que inclui manuscritos, apontamentos originais, livros publicados e anotados e, por último, o escritório transferido da sua residência em Lisboa, que nos transporta para o ambiente de trabalho de Fernando Namora, mas também para os seus laços afetivos e familiares, com objetos trazidos das suas viagens e fotografias de amigos e familiares, numa relação íntima entre o que o leitor conhece do autor e o estreitamento à sua vida privada. Condeixa foi berço e infância, primeira cofragem de Namora, e é hoje também lugar privilegiado de diálogo sobre este homem multifacetado.



Vanessa Martins
Casa Museu Fernando Namora

SAÚDE E BEM ESTAR

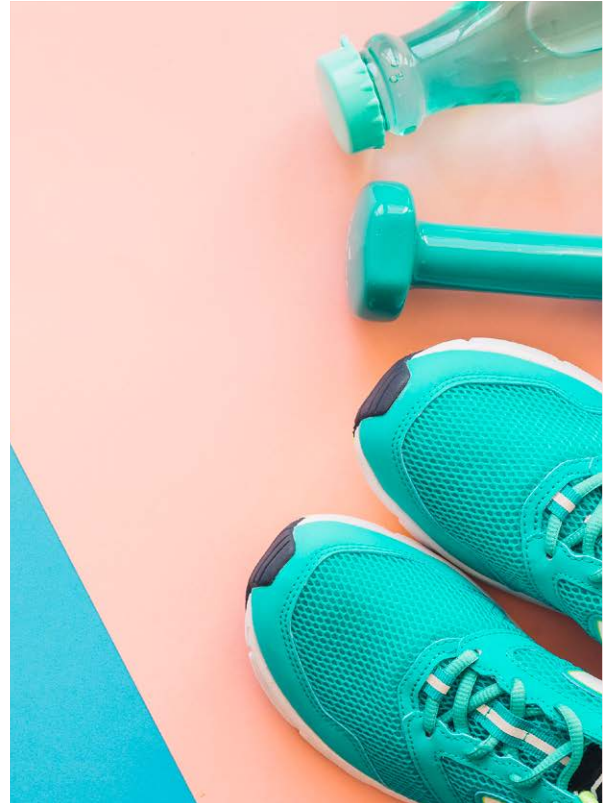
Dietas há muitas...



A origem etimológica do termo “dieta” (do grego *diaita*), assumiu, na sociedade atual, um diferente significado do seu constructo cultural primitivo, subtraindo à ampla

construção do “estilo de vida saudável”, a noção de hábito como prática assídua, consistente e perdurável. A fast fashion impressa nos padrões alimentares atuais, promovida e ali-

mentada através do *digital marketing* e da autoridade *influencer* que se observa presentemente, traz também à tona uma série de questões relacionadas com o papel elementar dos



nutrientes e dos alimentos.

Dieta, não assumida categoricamente como o “padrão de hábitos de vida saudável”, é ainda hoje, um conceito muito subvalorizado, e que carrega em si, e até ao presente, muitos pressupostos restritivos, limitados e até, de quando em vez, superficiais.

São muitas as promessas: desde os detox e as dietas do grupo sanguíneo, à exclusão de alimentos e/ou nutrientes. E com mais ou menos fundamento científico, entre o padrão paleolítico, vegetariano ou macrobiótico, até ao mais recente jejum intermitente (entre um sem número de outros) a escolha é variada, mas nem sempre a mais sábia.

A exclusão de alimentos e/ou nutrientes da alimentação, deve sempre visar cumprir as necessidades energéticas do ciclo de vida e do nível de atividade física do indivíduo. E o maior risco associado à utilização de abordagens desadequadas que usam frequentemente o carimbo “dieta da moda”, depende dos desequilíbrios do ponto de vista nutricional por estas se apresentarem pouco seguras e potencialmente iatrogénicas.

Para além do risco, devemos relembrar-nos regularmente de que muitas vezes são pouco eficazes a longo prazo, dado que não permitem a adoção de hábitos saudáveis, não promovendo assim, saúde. A adoção de um

padrão alimentar saudável é considerado como factor de risco modificável, relacionado com a promoção do bem-estar físico, mental e social, e determinante não só na promoção da saúde como na diminuição do risco de doença.

A ciência e o processo evolutivo da sociedade nos últimos séculos tem vindo a demonstrar que a nutrição e alimentação se constituem como fatores determinantes da saúde de indivíduos e populações, integrados num contexto cultural que se deseja dinâmico.

Indubitavelmente, a dieta representa portanto uma fração fundamental da identidade cultural e social de cada indivíduo, pelo que a(s) influência(s)



dos comportamentos alimentares se pretendem sempre oportunas e benéficas.

A cultura alimentar mediterrânica é a evidência da estrutura fundamental de valores materiais e imateriais inscritos na história das civilizações, que se alimenta também de construções simbólicas, como o comportamento, os valores sociais, a relação com a comunidade, e a forma como aprendemos e transmitimos esse património.

Uma dieta sustentada no consumo de produtos frescos e locais, respeitando a diversidade e a sazonalidade, com predomínio na ingestão de alimentos de origem vegetal (particularmente hortícolas, fruta, cereais pouco refinados, leguminosas frescas e secas, e frutos secos e oleaginosos), moderação no consumo de lacticínios e carnes

vermelhas, bem como na preferência pela utilização do azeite e de ervas aromáticas, é fundamental em qualquer fase do ciclo de vida.

Um padrão alimentar que reconheça também a forma de produção, conservação e preparação alimentar, aliado ao conhecimento gastronómico e tradições, promove, em potência, não apenas a escolha de alimentos com maior qualidade nutricional, mas também a sustentabilidade.

Mas para que se entenda efetivamente qual a dieta mais eficaz para um indivíduo em específico, e enquadrada no seu contexto e objetivos, é imprescindível que se considerem quer as preferências e rotinas distintas, e o primeiro passo é procurar o profissional de referência. O seu nutricionista estará habilitado para o aconselhar e monitorizar o seu progresso.



Mariana Saraiva
Nutricionista



AILD
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
DOS LUSODESCENDENTES

**OFERTA FORMATIVA
À SUA MEDIDA**

**FORMAÇÃO MODULAR
CERTIFICADA**
Frequência gratuita
Formação Online/Presencial

ATIVOS EMPREGADOS
Por conta própria
Por conta de outrem

Certificado de habilitações
Subsídio de alimentação

Visite o nosso site em aild.pt e inscreva-se já

Contactos
info@aild.pt
+351 939 082 261
Rua Latino Coelho 87
1050-134 Lisboa
aild.pt

Colaborado por:

 **POISE**
Programa Operacional de Intervenção Social

 **PORTUGAL
2020**
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

 **UNião Europeia**
Fundo Social Europeu

 **ProfiForma**
Qualificação e Potencial Humano

COM LUPA: CÁ DENTRO

A Veneza Portuguesa



Onde se situa?

Aveiro localiza-se na foz do rio Vouga, na região centro de Portugal. É uma cidade que esteve sempre ligada às atividades económicas, tendo um particular destaque na produção de sal e no comércio naval. Aqui o antigo e o atual encontram-se aliados, já que quer no que toca à arquitetura, quer no que toca às próprias atividades que aqui encontramos, podemos retirar aspetos que remontam ao passado e à modernidade.

Roteiro

Desde já dizer ao leitor que Aveiro disponibiliza diversas experiências que podem ser facilmente consultadas e re-

servadas online, o que possibilita um bom planeamento consoante o seu gosto e o seu orçamento.

A nossa proposta é pois que passe um dia tranquilo a desfrutar e conhecer os encantos desta cidade, quer na água, quer na terra.

Parque de Santo António e Parque Infante Dom Pedro – Parque da Cidade

Antes de começar as suas experiências, caso chegue a meio da manhã por exemplo, pode relaxar, ler um livro ou até jogar ténis no Parque de Santo António (já que este possui campos de ténis). Mesmo à beira tem o Parque Infante Dom Pedro (a apenas 700 metros mais ou menos)



pelo que pode ir a pé até ao mesmo. Vale a pena, já que é um verdadeiro espaço encantado! Construído na antiga propriedade dos padres franciscanos, foi preparado a partir de 1862 na zona que pertencia ao Convento de Santo António. Apresenta coreto de Arte Nova tardia, escadaria com fonte, gruta, cascata e alguns painéis de azulejos, assim como Avenida das Tílias e Casa de Chá. Possui mesas e bancos, por isso se quiser optar por almoçar aqui, traga os petiscos e delicie-se com um piquenique envolto na diversidade sublime da natureza!

Passeio de Moliceiro

Existe melhor forma de descobrir a “Veneza Portuguesa” do que percorrendo-a?!

Antigamente usados para a apanha do moliço, os moliçeiros são atualmente utilizados de uma forma turística proporcionando-lhe um passeio tranquilo sobre as águas calmas. Os guias são bastante divertidos e simpáticos, pelo que lhe ajudarão ao máximo a tentar perceber todo o percurso e a história da cidade, assim como as tradições e costumes da região. Além do passeio tem ainda dois bónus: à entrada para o moliceiro oferecem-lhe alguns ovos moles com formas de elementos marinhos (búzios e

conchas) e tiram-lhe uma fotografia que caso goste leva consigo (por apenas 5 euros), numa moldura muito bonita com pequenas imagens dos moliceiros e da ria! Sem contar com a fotografia, o passeio de moliceiro custa 13 € para adulto e 6 € para criança, tem a duração de 45 minutos e não possui limite de pessoas.

Salinas de Aveiro

Um dos locais que vai passar e que lhe vão falar no passeio de moliceiro são as salinas de Aveiro, por isso se quiser conhecê-las pode aprender tudo sobre o sal, a sua importância, a sua diferenciação na atualidade e como se mantêm as marinhas de sal, numa visita temática de 45 minutos, por 8 € para adulto e 4 € para criança.

Comboio Turístico de Aveiro TUKA-TUKA

Quer descobrir agora alguns pontos importantes da cidade por terra? O comboio turístico é uma excelente opção para si! Além de ser uma experiência muito divertida, com a ajuda do guia descobrirá inúmeras curiosidades de Aveiro. Pode tirar fotografias, gravar vídeos ou simplesmente deixar-se levar pela beleza da cidade! Para os adultos

o custo é de 7 €, já para as crianças é de 3,50 €. Se quiser saber alguns dos pontos por onde passa o comboio pode encontrar neste vídeo: <https://youtu.be/vqqOKVl8U6k>

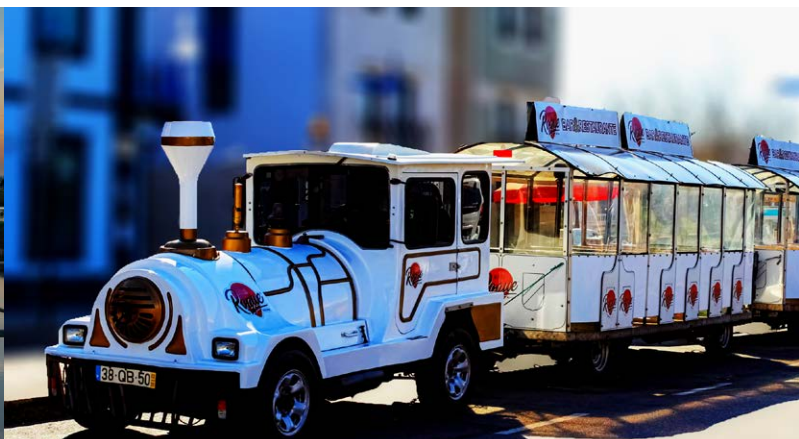
Fórum Aveiro

Este não é um centro comercial qualquer! E é por isso que tem mesmo que o vir visitar! Foi o primeiro centro comercial ao ar livre de Portugal (inaugurado a 29 de setembro de 1998). Está distinguido com vários prémios dos quais se destaca o Mipim Award 1999 para o melhor centro comercial da Europa. De facto, a sua interação entre o espaço construído e as áreas verdes é perfeita, com a acessibilidade e o conforto necessários para o consumidor, banhados pela ria.

Ovos moles

Bem chegamos ao mais importante, a doçaria típica da região: os deliciosos ovos moles!

Ao longo da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, encontrará várias confeitarias e cafés que vendem os incríveis ovos moles, por isso não se preocupe que vai ser fácil adquiri-los! As possibilidades são ínfimas, pode optar pelos tradi-





cionais ovos moles ou por outras versões dos mesmos. Recomendamos-lhe que compre uma barrica, além de serem um excelente adorno para colocar na sua casa como recordação desta viagem, vêm cheias do “recheio” dos ovos moles! E, sim, literalmente cheias, porque as senhoras que nos atenderam, colocaram tanto que a tampa nem fechava!

Se quiser também saber mais sobre o fabrico dos ovos moles e a sua história pode participar num workshop.

Nota: Caso não pretenda fazer um piquenique recomendamos o bar & restaurante Ar de Roque e o barco-restaurante (flutuante) Laguna. Pode fazer as reservas online ou através dos contactos telefónicos!



Fatinha Pinheiro
Geógrafa

COM LUPA: LÁ FORA

Florença

O Coração do Renascimento



Rumo a Itália, a viagem leva-nos ao coração da Toscana – Florença – uma cidade repleta de história. Cidade em tempos conhecida como o “Coração do Renascimento”, Florença beneficia da proximidade da capital Roma e a imponente capital da Lombardia (Milão). Esta localização privilegiava um refúgio/escola artística para os demais, falamos de uma cidade repleta de arte às mãos dos maiores artistas italianos de todos os tempos, nomeadamente, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Rafael, Donatello, Botticelli, entre muitos outros. A Toscana é igualmente conhecida pelas suas plantações de vinha e olival de altíssima qualidade, falamos de uma região ímpar, na qual o viajante poderá conciliar cultura e gastronomia de forma inigualável.

A origem da cidade de Florença remonta ao século IV a.C. quando um povoado «Etruscos» proveniente da Ásia Menor

terá estabelecido um pequeno acampamento. Recentemente, foram encontrados artefactos arqueológicos que corroboram esta versão dos historiadores, sendo possível observar no Museu Arqueológico de Florença, uma das melhores coleções de arte Etrusca do mundo. Todavia este pequeno povoado depressa sucumbiu ao domínio romano que sobre ruínas ergueram o município de «Florentia». Durante a idade-média Florença terá vivido os antípodas, disputas senhoriais com Génova, Veneza e Pisa pelo controlo mercantil. Em meados de 1300 d.C, Florença era uma das cidades mais importantes da Europa, assente no comércio terrestre, contrariando a República de Veneza cuja expansão se fazia pelo Mediterrâneo, nomeadamente países dos Balcãs e expedições ao Oriente. Este poderio económico de Florença fica comprovado com a criação da moeda denominada como “Florim de Ouro “que

durante mais três séculos viria a circular por todo mundo rivalizando com o “Ducado Veneziano”. Este poderio econômico permitiu que Florença tivesse como principal atividade o empréstimo de moeda em grande escala, coletando elevados impostos de diversas soberanias espalhadas por toda a Europa. Em 1865 a importância da cidade de Florença resultou na sua elevação a capital de Itália, substituindo Turim e antecedendo a atual capital Roma. Importante igualmente salientar que, durante o período 1943-1944, a cidade foi ocupada pelo regime Nazi, tendo como consequência a destruição dos principais edifícios e pontes da cidade, salvo a denominada Ponte Velha «Ponte Vecchio».

A chegada à cidade de Florença pode ser feita de diversas formas, todavia recomendo o uso do comboio. A via férrea italiana é sem dúvida uma das melhores da Europa permitindo uma ligação rápida entre as cidades. A maioria dos viajantes tem como origem as cidades de Milão e Roma, todavia a chegada à Florença permite servir como plataforma de visita para as igualmente belíssimas cidades de Pisa e Siena.

Piazza del Duomo

Será caso para afirmar que todos os caminhos da cidade vão dar à imponente Piazza del Duomo. Esta servirá como ponto partida para os viajantes, e o principal destaque é a imponente Catedral, o Campanile de Giotto e o Battistero di San Giovanni. As vistas são de cortar a respiração, a praça é lin-

díssima e transporta-nos à época Medieval. As construções revelam o que de melhor aconteceu no período do apogeu Renascentista, recordando que a cidade de Florença servia de escola para os melhores alunos de artes de toda a Itália.

A praça é considerada um dos ex-libris da cidade abrindo a porta para alguns dos principais monumentos.

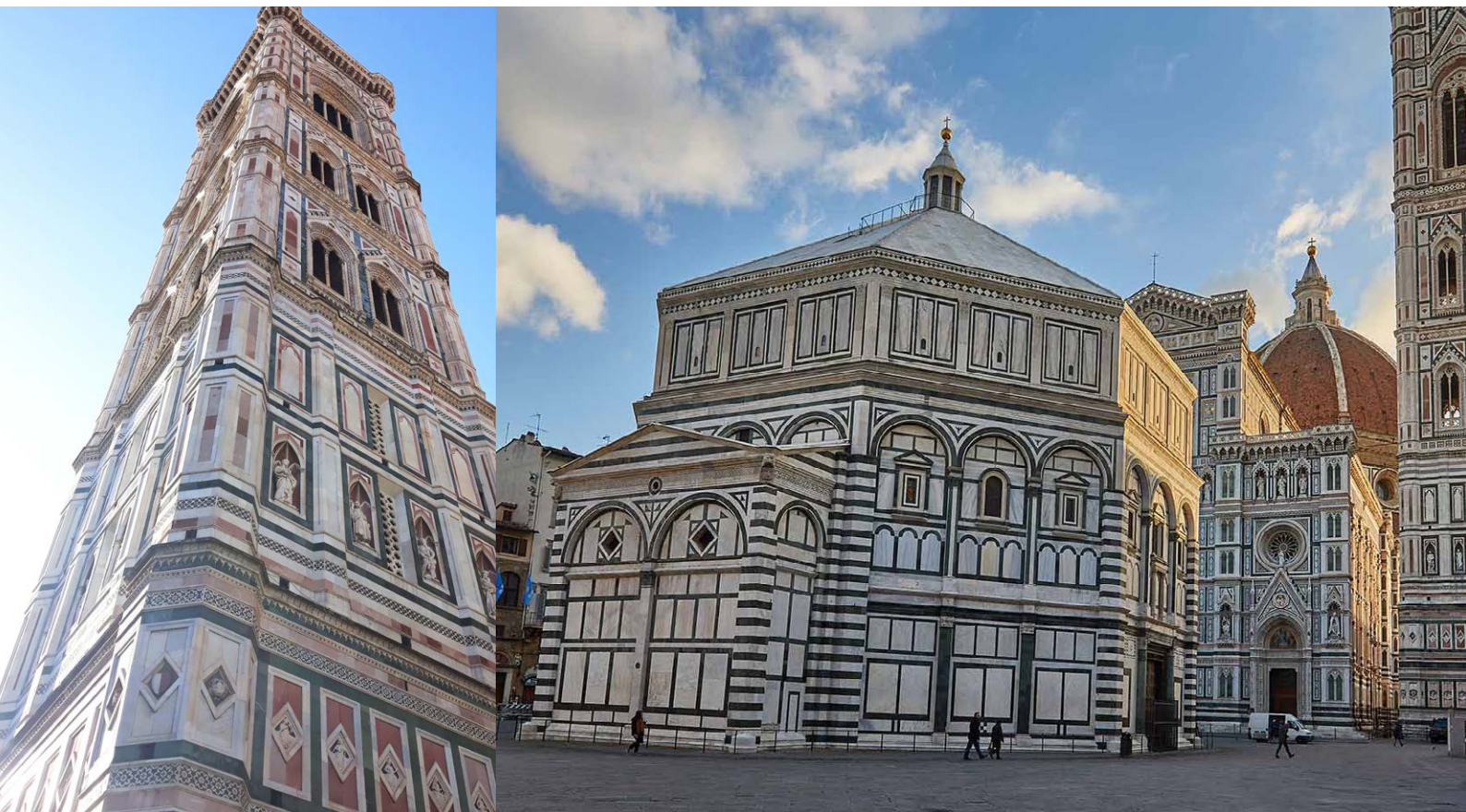
Recomendo que se visite em dois períodos distintos: manhã e noite. Saliento principalmente o período noturno no qual a praça se transforma, graças à atuação de grupos de canto local, permitindo ao mais inusitado viajante a absorção da cultura local.

Catedral – Duomo

A catedral de Florença é a peça central da Piazza Duomo, tendo sido construída por Filippo Brunelleschi entre 1296-1368, possui uma fachada incrível em mármore branco e uma cúpula que se eleva a 45 metros de altura. Igualmente conhecida como Catedral Duomo a catedral de Florença é uma das maiores construções religiosas de todo mundo. No seu interior o principal destaque vai para as pinturas que ornamentam a cúpula e cujos autores Giorgio Vasari e Federico Zuccari procuraram retratar as cenas do «Dia Juízo Final».

A subida à cúpula da Catedral é permitida ao visitante, sendo que os seus 463 degraus representam apenas um pequeno desafio físico, quando comparada às vistas proporcionadas sobre a cidade.





Campanário da Catedral – Campanile de Giotto

O campanário da Catedral, conhecido igualmente como Campanário de Giotto presta homenagem ao seu construtor o arquiteto/pintor Giotto Bondone do período Gótico/Renascença. A construção da torre do campanário teve início no ano 1334, na qual se sobressai um colorido único de harmoniosas simetrias graças aos diferentes tipos de mármore. Apesar de Giotto não ter vivido para assistir à conclusão do Campanário, a documentação por este deixada, permitiu ao escultor Andrea Pisano concluir a obra em 1359.

Na base da torre é possível observar um conjunto de réplicas de estátuas de santos e profetas, sendo que os originais poderão ser observados no Museu dell'Opera del Duomo. A visita ao topo do Campanário é obrigatória, visto que dos seus 84 metros podemos apreciar, a par da cúpula da catedral, uma das melhores vistas sobre a cidade.

Battistero di San Giovanni

Localizado nas imediações da catedral, para o visitante mais distraído poderá passar despercebido, todavia estamos perante um dos edifícios mais antigos de Florença. No interior podemos observar um mosaico Bizantino talhado a dourado que nos faz recordar a Basílica de São Marcos em Veneza.

Galeria Uffizi

A construção desta galeria fica ligada a uma das famílias mais importantes de Florença, os Médici, que em 1560 planeou a construção de um palácio administrativo contíguo ao Palácio della Signoria, sede do atual governo. Em 1591, inicia-se a transformação deste palácio, Francisco I de Médici transforma o último piso por forma a reunir a sua coleção de arte pessoal de família. Nascia assim uma de uma das galerias de arte mais ricas de Itália.



De visita obrigatória, a Galeria de Uffizi contempla quadros como o Nascimento de Vênus de Botticelli ou Adoração dos Magos de Leonardo. Estamos perante uma das coleções de pintura mais famosas do mundo, as salas estão organizadas cronologicamente, sendo o ex-libris da visita as salas referentes ao renascimento italiano. O visitante poderá observar obras de Botticelli, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael, Caravaggio e Ticiano. Destaco ainda no exterior as esculturas colocadas em 1842 que procuram homenagear os ilustres artistas da Toscana.

Pallazo Vecchio – Palácio Velho

O Palácio Velho terá sido construído entre 1299 e 1314, e está localizado na vibrante Piazza della Signoria, onde poderá ser confundido com um castelo. O visitante poderá disfrutar da originalidade das suas salas, visto que estas mantêm os traços dos tempos em que foram utilizadas pela corte. Visite o claustro e observe a torre principal que se ergue a uns impressionantes 94 metros. Estamos perante um dos maiores símbolos da cidade de Florença. Na entrada do palácio estejam atentos às esculturas de Adão e Eva, assim como a uma réplica do famosíssimo David de Michelangelo. Nas imediações, aproveite a Piazza della Signoria, falamos

de uma das praças principais de Florença, conhecida pelo convívio de moradores que se mesclam com turistas apreciando artistas locais.

Ponte Vecchio

A ponte Vecchio o verdadeiro ícone da cidade é uma das pontes mais famosas e antigas do mundo. Com as suas casas e estabelecimentos comerciais suspensos, esta ponte representa e simboliza o romantismo associado a Florença. As origens da Ponte Velha remontam ao ano de 1345, inicialmente ocupadas por vendedores de carne. Reza a história que aquando da mudança da realeza para o Palácio Pitti, terão sido encerradas devido ao cheiro nauseabundo. Desde então e até aos dias de hoje as lojas foram ocupadas por joalheiros e ourives.

Uma visita noturna é igualmente recomendável, sendo que os amantes de fotografia poderão deslocar-se até à ponte adjacente “Ponte alle Grazie”, na qual a vista é estonteante. Falando em vistas deslumbrantes, e caso a condição física o permita, visite a Praça Michelangelo, localizada num planalto a sul, uma vez que é sem dúvida o melhor local para observar a cidade no seu esplendor.

Florença a cidade da Paixão!



João Costa

Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



SABORES LUSOS EM ESTADO LÍQUIDO

A territorialidade dos vinhos

O sector dos vinhos utiliza um conjunto de expressões herméticas, algumas vezes exclusivas, outras partilhadas com áreas históricas, de mercado ou de investigação diversas. Entre elas, uma daquelas com a qual os enófilos primeiro lidam é a de “Velho e Novo Mundo”.

Todos sabemos o que é o “Velho

Mundo” e o “Novo Mundo”.

A primeira expressão corresponde ao mundo conhecido até aos Séc. XV – basicamente, a Eurásia e África – que correspondem às civilizações mais antigas: onde surgiu o homo sapiens e onde se desenvolveu uma cultura ocidental que influenciou o estilo de vida de outras culturas.

O Novo Mundo integra o continente americano e a Oceania (também apelidada de Novíssimo Mundo). A expressão foi criada talvez pela primeira vez por um espanhol, Pedro Mártir de Anglería, em 1492, numa carta em que se referia à viagem de Cristóvão Colombo. A expressão reflecte uma visão eurocêntrica, claro. Mas é útil

para explicar civilizações, culturas e estilos de vida.

Os profissionais do vinho recorrem sistematicamente à expressão, muitas vezes confundindo-a, como se esta pudessem distinguir apenas os países produtores mais tradicionais e com mais História dos países produtores mais recentes. A África do Sul, por exemplo, é descrita inúmeras vezes como um país de Novo Mundo; e talvez faça sentido. A África conhecida até ao séc. XV era sobretudo o Norte de África, pese embora as investidas preliminares que se fizeram antes dos Descobrimentos. Mas a China pertence historicamente ao Velho Mundo e tem vindo a ser citada como um país produtor do Novo Mundo. A confusão compreende-se. Pese embora o facto de a China ser actualmente o maior produtor mundial de vinho, é um produtor recente, sem tradição no sector dos vinhos.

Mas o que significa na prática beber um vinho do Velho Mundo? Os vinhos produzidos nestes países são vinhos produzidos em climas mais frios ou temperados e marcados pela elegância. São vinhos com uma paleta aromática mais rica: mais diversificada, mas menos intensa. São vinhos pensados para dar mais prazer na boca, habitualmente consumidos à refeição. E são vinhos categorizados por uma (às vezes intrincada) hierarquia de sub-regiões e denominações de origem controlada que têm legislação própria muito exigente. O contro-

lo legal sobre estas regiões produtoras é, aliás, um ponto de honra para a maioria dos vinhos do Velho Mundo – assegurando assim que a tradição nos métodos, utilização de castas e processos de vinificação e envelhecimento se mantém.

No Novo Mundo a legislação é menos exigente ou até praticamente inexistente. Os vinhos são produzidos de acordo com as leis de mercado e a qualidade é procurada tendo em conta a necessidade de responder ao perfil dos consumidores. São vinhos influenciados por climas mais quentes, mas que utilizam muitas vezes as castas tradicionais (e importadas) do Velho Mundo. São tradicionalmente vinhos com mais aroma, às vezes mais trabalhados enologicamente. E são, na maioria dos casos, vinhos que utilizam um perfil de envelhecimento em madeira mais marcada.

Aqui, como noutros sectores, não podemos dizer que uns têm mais qualidade do que os outros. Uns têm mais tradição, métodos antigos e uma influência forte do perfil das castas, dos solos e do clima. Outros são casos novos que vale bem a pena conhecer, muito marcados sobretudo por climas quentes. A diversidade faz-nos ganhar sempre. O poder de escolha é uma conquista sempre interessante. É preciso apenas experimentar para ficar a conhecer. Como em todas as áreas, as experiências fazem-nos valorizar a vida e fazem de todos pessoas mais ricas e mais realizadas.



Pedro Guerreiro
Gestor



| SABORES LUSOS EM ESTADO SÓLIDO

O Conceito *Gourmet*

O termo *gourmet* virou moda e como já deve ter reparado agora tudo é *gourmet*. Mas afinal o que significa esta expressão? Esta palavra de origem francesa remete-nos de imediato para a ideia de sofisticação, charme, delicadeza. Mas vejamos a sua origem:

Em meados do século XIX o gastrónomo francês Jean Savarin utilizou o termo numa publicação denominada “Fisiologia do Gosto”. O termo foi usado para identificar as pessoas que possuíam um paladar mais apurado, remetendo para a

elegância e o refinamento e depois no “Almanach des Gourmands”, de Grimod de la Reynière, onde classificava alguns restaurantes da França, no início do século XIX. A palavra quer dizer “aquele que tem bom gosto”.

O seu significado foi variando em função da época e da região, por exemplo, os frutos do mar podiam ser considerados um luxo numa área geográfica que carecia de peixe, ao passo que não seriam vistos como tal num local perto do oceano.

Seja como for, esteve sempre associado à riqueza porque a



comida *gourmet* sempre foi cara. O seu custo era resultado da escassez de ingredientes para um determinado alimento na região na época, o que fazia com que tivessem que ser trazidos de longe com diversos riscos para os mercadores. Os comerciantes teriam então que lidar com as condições climáticas, ladrões, intermediários e outros fatores que poderiam atrasar ou interromper o transporte da mercadoria, fazendo com que estes alimentos tivessem no final um alto preço.

O termo foi evoluindo e nos anos 80 nos Estados Unidos surgiu uma corrente que defendia que *gourmet* não estaria circunscrito a gostos elitistas, mas sim a pratos sofisticados e criativos. Já na indústria passou a estar associado a produtos *premium* de alta qualidade e devidamente certificados, o que lhes garantia, da origem e dos processos no seu fabrico.

Atualmente, o termo *gourmet* retrata os prazeres da mesa com qualidade, conhecida como “Alta Cozinha”.

A culinária *gourmet* é aquela que é feita de forma criteriosa, perfeitamente preparada e artisticamente apresentada. Os ingredientes têm que ser todos de boa qualidade e muito importante saber a sua proveniência.

Entretanto, a ideia da comida *gourmet* não é servir apenas pratos luxuosos ou em pequenas quantidades, nem pratos simples a fim saciar a fome do momento. Culinária *gourmet* é elaborar refeições especiais a partir do conhecimento que se tem dos ingredientes, a forma de preparação, a escolha e combinação de sabores, textura, aromas e cores. Cozinhar com disciplina e paciência, respeitando cada receita, o cuidado com os ingredientes e habilidade para manuseá-los, mas acima de tudo: cozinhar com amor.

Afinal, o principal objetivo é oferecer uma inigualável experiência gastronômica.



Tiago Sabarigo
Chef Essência Restaurant/ Budapest



UCLA's Boelter Hall, 1969

FALAR PORTUGUÊS

A velhinha Internet

A palavra «Internet» veio para ficar — mas agora é uma velha celebridade, que todos conhecem, mas que já não aparece assim em tantos filmes (ou seja, conversas). Se virmos bem, usamo-la bem menos do que nos tempos (ali pela mudança de século) em que era a palavra da moda.

Algumas palavras aparecem e rapidamente desaparecem. Outras vêm do princípio dos tempos e ninguém as esquece. Há ainda aquelas que surgem como uma explosão, usadas a todas as horas — e, de repente, acalmam-se e saem do palco.

A Internet ainda tem ar de ser coisa recente, na crista da

onda dos tempos, embora a primeira transmissão na rede que veio a dar origem à estrutura que hoje conhecemos já tenha ocorrido há mais de 50 anos. Se me apanhassem desprevenido e me perguntassem se a palavra está a ser cada vez mais usada, talvez respondesse que sim...

Mas, na verdade, se usamos cada vez mais a dita Internet, cada vez menos usamos o nome importado que lhe demos. Não acredita? Há várias formas de verificar, mas podemos começar por usar uma ferramenta gratuita e muito interessante, chamada Google Trends. Permite-nos ver a quantidade relativa de pesquisas sobre determinado tema

no Google ao longo do tempo. Ora, se pesquisarmos por «Internet», no mundo inteiro, vemos uma tendência de descida nos últimos anos (é apenas um dado possível, entre outros, claro está).

Mas porquê? Se não estamos a usar menos a Internet, por que razão falamos menos dela? Na verdade, é precisamente por isso. A Internet já não é novidade. Está tão integrada nas nossas vidas que já são as peças da grande máquina que nos interessam: as aplicações no telemóvel, a rede Wi-Fi lá de casa, os websites em que passamos o tempo...

A estrutura que está na base diluiu-se na paisagem. É como a electricidade. Imagino que, nos tempos em que apareceu nas nossas cidades, a palavra «electricidade» fosse usada com muita frequência. Era a grande novidade. Com o tempo, começou a ser apenas mais um elemento da nossa vida, tão importante que nem o notamos. Precisamente como a Internet.

Há outras razões: algumas palavras substituíram a expressão «na Internet». Usamos «rede», «em linha», «online», entre outras. Tudo remete para a Internet, mas o nome em si começa a ser usado em menos ocasiões. Sim, ainda

queremos saber qual é o preço da Internet quando fazemos um novo contrato — e usamos a palavra quando queremos conversar precisamente sobre a estrutura informática de que o mundo hoje depende. Mas já poucos dizem, por exemplo, «vou à Internet», «procura na Internet». O que dizemos será «Olha o que eu vi agora mesmo no Facebook» ou «procura aí no Google» ou outra variação. Uma frase como «Vou para casa ligar-me à Internet.» tem um indescritível sabor a 1996. (Diga-se que estes usos também serão variáveis dependendo da idade, da região, da situação. Talvez — e é apenas uma hipótese — a palavra seja hoje mais típica dos avós que dos netos.)

As palavras não são peças imutáveis, usadas de forma mecânica e previsível. São outra coisa, difícil de apreender ou descrever — tanto ganham força como quase desaparecem, mudam de significado, subtilmente, sem pedir autorização, isto enquanto nos ajudam a compreender o mundo, a imaginar o que não conhecemos e a conversar com os outros. De vez em quando, decidem sair do palco e dar lugar às mais novas, não sem dar um ar de sua graça quando é preciso. Foi o que aconteceu à velhinha Internet.



Marco Neves

Universidade Nova de Lisboa

LEGAL

Desafios da sucessão empresarial internacional

info@abreuadvogados.com

<https://abreuadvogados.com>



A sucessão geracional nas empresas (familiares) é um momento decisivo para a vida das mesmas; do sucesso da sua realização, de forma eficiente e tentativamente conciliadora dos interesses em causa, depende a sua boa saúde.

Estando presentes interesses potencialmente conflitantes

– os empresariais e os familiares –, que podem bloquear a vida empresarial, devem ser criadas regras precisas para a gestão da empresa e para a sua interação com a família.

Adensa a complexidade elementos internacionais da vida empresarial, da vida familiar ou de ambas, que trazem à

colação diversidades culturais bem como legislações e jurisdições.

Assim, é premente a elaboração de protocolos familiares nestas empresas, i.e., acordos dos familiares (incluindo ou não os cônjuges e as gerações mais novas), contemplando os princípios da empresa familiar, criando órgãos (como o Conselho de Família) e regras disciplinadoras do funcionamento do tecido empresarial, por si e com a família. Podem ser previstos requisitos para a atribuição de funções, direitos e obrigações aos intervenientes, sanções para incumprimentos, regras para a escolha dos sucessores, planos para as gerações advindas, eventuais compromissos de representação empresarial de todos os ramos e gerações, indicações de regimes de bens e convenções antenupciais a adotar pelos familiares, sugestões quanto à outorga de testamentos individuais, formas de resolução de conflitos, escolha de lei e tribunais aplicáveis a eventuais dissidências (especialmente relevantes quando há elementos de conexão com outros países).

Paralelamente, deve ser feito o planeamento sucessório de cada um dos membros da família empresarial, sendo especialmente relevante para aqueles que residam noutros países ou tenham mais do que uma nacionalidade.

A outorga de testamento poderá, por exemplo, assegurar o cumprimento das regras estabelecidas num Protocolo Familiar, com a possibilidade de introdução ou não do cônjuge sobrevivente não familiar na empresa. Para o efeito, dever-se-á

atender cuidadosamente às regras sucessórias aplicáveis, que, consoante a residência ou nacionalidade do testador, poderão divergir das portuguesas.

Tratando-se de uma sucessão internacional, ou seja, com conexão a vários ordenamentos jurídicos, Portugal aplicará as regras do Regulamento (UE) n.º 650/2012 do Parlamento Europeu e do Conselho, vinculativo para a quase totalidade dos Estados-Membros, nos termos do qual a regra é a aplicação da lei do país da residência habitual do falecido, somente assim não sendo se o testador tiver escolhido, por testamento, a lei da sua nacionalidade ou se tiver uma relação manifestamente mais estreita com um Estado diferente.

Pode haver conflitos entre jurisdições e leis aplicáveis – imagine-se que falece, na família, um cidadão brasileiro, residente habitualmente em Portugal, sem testamento; os órgãos portugueses consideram-se competentes para regular a sucessão; todavia, o Brasil aplica o critério da nacionalidade, considerando-se também competente. Logo, se alguns herdeiros entenderem que a lei brasileira lhes é mais favorável, podem recorrer a tais instâncias. Tal pode ter implicações substancialmente distintas na esfera da empresa familiar.

Para evitar similares situações, o planeamento sucessório individual e empresarial internacional deve ser realizado de forma rigorosa, atendendo aos vários direitos potencialmente aplicáveis e aos interesses dos potenciais beneficiários.



Marta Costa
Abreu Advogados

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO

Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.



Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

DIREITO FISCAL

A tributação dos *influencers* digitais

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>

A digitalização e a globalização da economia potenciaram o surgimento de novas profissões, como os digital *influencers* das redes sociais que, atualmente, assumem um importante papel na publicidade. Estes profissionais tanto são pagos em valores pecuniários (dinheiro) como em espécie (bens), devendo essa remuneração, por respeito ao princípio da capacidade contributiva, ser sujeita a tributação.

Enquanto pessoas singulares, tais contribuintes podem ser tributados em sede de IRS e, caso sejam considerados residentes fiscais em Portugal, terão ainda a obrigação de reportar os seus rendimentos mundialmente auferidos. Em princípio, tais rendimentos serão reconduzidos às Categorias A (trabalho dependente) ou, mais comumente, à B (rendimentos empresariais e profissionais), conforme exista ou não um vínculo contratual que implique a subordinação do *influencer* à marca para que presta serviços.



Como trabalhadores independentes, os *influencers* deverão registar a sua atividade junto da Administração tributária e emitir recibos pelos serviços, sendo tributados a taxas progressivas (até 48%), acrescidas da taxa de solidariedade (até 5%, sempre que aplicável). De igual modo, os *influencers* estarão, também, sujeitos a IVA e a realizar contribuições para a Segurança Social, assim como podem ficar obrigados a pagar Imposto do Selo caso recebam doações.

Certos *influencers* optam por constituir sociedades, através das quais

prestam serviços, ficando, desde logo, os respetivos lucros sujeitos a IRS (em princípio à taxa de 21%, à qual acrescem as derramas, municipal e estadual, e as tributações autónomas). Adicionalmente, no momento da transferência dos montantes da esfera da sociedade para a do *influencer*, tais rendimentos serão, também, tributados em sede de IRS, em princípio como salários (Categoria A) e/ou dividendos (Categoria E).

Em suma, os *influencers* não estão exonerados de cumprir obrigações declarativas ou do pagamento de impostos. Caso os seus rendimentos sejam ocultados, a Administração tributária dispõe de mecanismos (contraordenacionais e criminais) para contrariar e controlar essas situações, como a tributação das manifestações de fortuna ou dos acréscimos patrimoniais não justificados, com base em métodos de avaliação indireta dos rendimentos tributáveis.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

FISCAL

Reinventar-se

Os resilientes que desenvolvem uma atividade económica, depois de terem centrado a sua atenção na valorização e adequação dos elementos da sua equipa de trabalho, devem também analisar e avaliar cada um dos seus fornecedores e clientes.

No que diz respeito aos fornecedores, devemos identificar os que são vitais para o desenvolvimento do negócio, e se estes estão ou não, em condições de serem parceiros em tempos semelhantes aos que estamos a viver com a pandemia da COVID-19.

Convém, pois, assegurar que estes estão preparados para assegurar o fornecimento de serviços e/ou produtos, nestas circunstâncias, pois esta crise não foi uma crise de consumo, mas uma crise do acesso aos clientes.

Este processo de melhor conhecer os nossos fornecedores, poderá suscitar que se definam novos procedimentos,

para que a atividade não seja prejudicada pela falta de produtos ou serviços. Assegurando estes aspetos, o empreendedor deve assegurar que a ligação aos seus clientes não se perde em situações de calamidade ou de emergência.

Temos que conhecer bem os nossos clientes, para encontrar a melhor forma de manter essa ligação, apesar das adversidades que a atividade económica nos possa obrigar a enfrentar.

Não são só os clientes que procuram os serviços e produtos oferecidos pelo empreendedor, cabe também ao empreendedor procurar os seus clientes e conquistá-los.

Uma forma de se preparar para momentos como aqueles que vivemos atualmente, é pensar em diversos cenários concretos, analisando os seus efeitos e as suas consequências nas cadeias de abastecimento e na ligação

aos clientes, para que se encontrem soluções que minimizem os impactos negativos, aproveitando, sobretudo, as oportunidades que normalmente estes acontecimentos negativos trazem, também para aqueles que as sabem procurar.

Não esqueçamos que os dinossauros eram reis e senhores da Terra, até que, a chegada de um meteorito deu a oportunidade aos mamíferos de os substituírem....

Atualmente, é um minúsculo vírus que vai provocando a extinção massiva de empresas, algumas delas, verdadeiros dinossauros mundiais, mas por outro lado haverá quem saiba aproveitar as oportunidades que se apresentam, para liderar o amanhã.

Melhor preparado estará para enfrentar a adversidade, sem dúvida, aquele que tem um bom contabilista ao seu lado.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.
info@amostradeletras.pt

Ei![®]
Assessoria
Migratória

WWW.EIMIGRANTE.PT

VIVA A SUA REFORMA EM PORTUGAL

+351 217 960 436

GERAL@EIMIGRANTE.PT

@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO